



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

JULLIANA BEATRIZ TRIBESSE PATRÍCIO DARGEL

**O RESSENTIMENTO DO OPRIMIDO NA MINISSÉRIE EM QUADRINHOS
“MULHER-MARAVILHA – TERRA MORTA”: ANÁLISE DO VERBAL E DO NÃO
VERBAL**

Campo Grande/MS
2025

JULLIANA BEATRIZ TRIBESSE PATRÍCIO DARGEL

**O RESENTIMENTO DO OPRIMIDO NA MINISSÉRIE EM QUADRINHOS
“MULHER-MARAVILHA – TERRA MORTA”: ANÁLISE DO VERBAL E DO NÃO
VERBAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada.

Orientador: Nataniel dos Santos Gomes

Coorientador: Natania Aparecida Nogueira

Campo Grande/MS
2025

D232r Dargel, Julliana Beatriz Tribesse Patrício

O ressentimento do oprimido na minissérie em quadrinhos “Mulher-Maravilha - Terra Morta”: análise do verbal e do não verbal / Julliana Beatriz Tribesse Patrício Dargel. – Campo Grande, MS: UEMS, 2025.

72 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2025.

Orientadora: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

1. Representação feminina. 2. Análise discursiva. 3. Histórias em quadrinhos. 4. Mulher-Maravilha. I. Gomes, Nataniel dos Santos. II. Título

CDD 23. ed. - 305.4201

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Joyce Mirella dos Anjos Viana, CRB nº 3530 - 1a Região.

JULLIANA BEATRIZ TRIBESSE PATRÍCIO DARGEL

**O RESSENTIMENTO DO OPRIMIDO NA MINISSÉRIE EM QUADRINHOS
“MULHER-MARAVILHA – TERRA MORTA”: ANÁLISE DO VERBAL E DO NÃO
VERBAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Natania Aparecida da Silva Nogueira
(Coorientadora)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dra. Suellen Cordovil da Silva
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/Unifesspa

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Aline Sadi Chaves - Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Leonardo Gonçalves de Alvarenga - Suplente
Universidade do Estado do Pará/UEPA

Campo Grande/MS, 28 de abril de 2025.

A todas mulheres chamadas de loucas ou raivosas
ao se levantarem contra a opressão sexista. A
todas mulheres que sobrevivem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Professor Dr. Nataniel dos Santos Gomes por topar me guiar durante este trabalho, por todo suporte, apoio e por não me deixar desistir em momentos de crise, por sempre me animar e fazer-me lembrar do quanto sou capaz. Desculpe por te deixar ansioso, serei eternamente grata a você por acreditar em mim quando eu não acreditei;

À minha coorientadora Professora Dra. Natania Aparecida da Silva Nogueira por todo suporte e orientação, além de ser uma inspiração nas pesquisas em quadrinhos;

Aos professores deste programa que foram fundamentais durante todo meu processo;

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul pela oportunidade e auxílio;

Aos meus pais que são meu alicerce e porto seguro e por sempre me fortalecerem, apoiarem e comemorarem comigo cada etapa deste trabalho. Principalmente a minha mãe, que é a minha maior inspiração de pesquisadora e que sempre esteve me erguendo e fortalecendo nos momentos mais obscuros.

Aos meus irmãos Arthur e Manoella que tiveram toda paciência e amor com a irmã que em muitos momentos esteve ausente e nervosa;

As minhas amigas Beatriz e Deborah, que enfrentaram a mesma batalha que eu e me acolheram, entenderam e auxiliaram, sem elas esse caminho teria sido muito mais triste e solitário;

A todos meus amigos que de alguma forma me ampararam durante todo o tempo, entendendo os momentos que precisei estar distante, me auxiliando em momentos de ansiedade e sempre me animando para que finalizasse este trabalho;

Agradeço a todos pela paciência que tiveram comigo e por todo amor que emanaram para que eu conseguisse terminar minha pesquisa. Eu amo vocês.

“Ser oprimido significa a ausência de escolhas”

Bell Hooks

DARGEL, JULLIANA BEATRIZ TRIBESSE PATRÍCIO. O ressentimento do oprimido na minissérie “Mulher-Maravilha – Terra Morta”: Análise do verbal e do não verbal. 2025. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

RESUMO

Desde os mais antigos registros sobre a história da humanidade se tem noção de que os homens têm posição de poder prevalecendo sobre as mulheres. Tanto que eles já as proibiram de estudar, ler, participar de assuntos políticos ou até mesmo de praticar qualquer ação que pudesse estimular minimamente o pensamento crítico delas. Assim, foi construída a imagem feminina em uma sociedade patriarcal. Atualmente, as mulheres conquistaram muitos direitos ao redor do mundo se for feita uma comparação com o decurso da história, porém ainda há uma grande diferença entre a realidade feminina e masculina. Nesse sentido, o considerado sexo frágil continua ainda na luta por questões humanitárias mínimas nas diferentes esferas da vida, causando, assim, uma grande revolta e indignação das mulheres de diferentes segmentos sociais. Partindo dessa ideia de revolta feminina, este trabalho tem objetivo de analisar a minissérie Mulher-Maravilha – Terra Morta, de Daniel Warren Johnson e Mike Spicer, por um olhar social e feminista para identificar o ressentimento do oprimido para com o mundo que lhe oprimiu a partir da linguagem verbal e não verbal do texto, procurando indícios e respostas para o questionamento principal da pesquisa. Neste trabalho seguiremos a linha de pesquisa da Linguística Aplicada. Considerando-se, que a Linguística Aplicada tem como base para análises linguísticas os problemas sociais, econômicos e políticos, assim com suporte teórico de Hooks (2017) como a principal norteadora das teorias femininas e Bakhtin e Volochinov (1990), Greimas (1979), Gaiarça (1977) como norteadores teóricos dos aspectos linguísticos.

Palavras-chave: Linguagem, Mulher-Maravilha, Feminismo, Ressentimento, Linguística Aplicada.

DARGEL, JULLIANA BEATRIZ TRIBESSE PATRÍCIO. O ressentimento do oprimido na minissérie “Mulher-Maravilha – Terra Morta”: Análise do verbal e do não verbal. 2025. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

ABSTRACT

Since the earliest records of human history, it is clear that men have held positions of power over women. They have even forbidden women from studying, reading, participating in political matters, or performing any actions that might stimulate even a minimal sense of critical thinking. In this way, the female image was shaped within a patriarchal society. Today, women have conquered many rights around the world when compared to the course of history; however, there is still a significant gap between the realities of men and women. In this sense, the so-called weaker sex continues to fight for basic human rights in various areas of life, which has caused great revolt and indignation among women from different social backgrounds. Starting from this idea of female revolt, this paper aims to analyze the miniseries *Wonder Woman – Dead Earth*, by Daniel Warren Johnson and Mike Spicer, from a social and feminist perspective, in order to identify the resentment of the oppressed toward the world that has oppressed them, through both the verbal and non-verbal language of the text, seeking signs and answers to the main question of the research. This work will follow the research line of Applied Linguistics, which considers social, economic, and political issues as the basis for linguistic analyses. It will be theoretically supported by Hooks (2017) as the main reference for feminist theories, and by Bakhtin and Voloshinov (1990), Greimas (1979), and Gaiarça (1977) as theoretical guides for the linguistic aspects.

Keywords: Language, Wonder Woman, Feminism, Resentment, Applied Linguistics.

SUMÁRIO

1 O INÍCIO DA MULHER-MARAVILHA E AS INFLUÊNCIAS DO FEMINISMO.....	17
2 DISTOPIAS E FEMINISMOS EM “MULHER-MARAVILHA – TERRA MORTA”.....	
2.1 Distopias.....	29
2.2 Distopias nas artes.....	30
2.3 Mulheres nas distopias.....	34
2.4 Terra Morta: as mulheres no universo distópico de Mulher-Maravilha.....	42
3 A OPRESSÃO E RESENTIMENTO EM “MULHER-MARAVILHA – TERRA MORTA”.....	45
4 CONSIDERAÇÕES.....	70
REFERÊNCIAS.....	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página da HQ “Invasão de Saturno”	16
Figura 2 – Wonder Woman College	17
Figura 3 – Mulher-Maravilha entrando pela janela usando “Por Héstia”	18
Figura 4 – Hipólita dizendo “Deusas do amor” ao se despedir.....	18
Figura 5 – Mulher-Maravilha usando “Pela lança de Atena”.....	18
Figura 6 – Mulher-Maravilha usando termos gregos.....	18
Figura 7 – Margaret Sanger e Etel Byrne em frente à clínica de controle de natalidade.....	20
Figura 8 – Olive usando os braceletes e segurando um bebê.....	21
Figura 9 – Olive e Marston durante uma avaliação do detector de mentira.....	21
Figura 10 – Olive e Elizabeth com uma amiga da família.....	21
Figura 11 – Primeira página de WW número 8.....	21
Figura 12 – Mulheres protestando na Sensations Comics número 08.....	22
Figura 13 – Foto da Greve de Pão e Rosas.....	22
Figura 14 – Imagem da revista feita por Lou Rogers.....	23
Figura 15 – Mulher-Maravilha dizendo que perde os poderes se for acorrentada.....	24
Figura 16 – Comparação de desenhos da Mulher-Maravilha e ilustração de Lou Rogers.....	25
Figura 17 – Capa do livro 1984.....	28
Figura 18 – Capa do filme 1984.....	28
Figura 19 – Trecho do quadrinho 1984.....	28
Figura 20 – Capa do quadrinho V de Vingança.....	29
Figura 21 – Capa do filme V de Vingança.....	29
Figura 22 – Capa do quadrinho Injustice.....	30
Figura 23 – Capa do jogo Injustice.....	30
Figura 24 – Capa de Teocrasília.....	30
Figura 25 – Trecho do quadrinho Kairu-Edé.....	31

Figura 26 – Trecho do quadrinho Kairu-Edé.....	31
Figura 27 – Trecho do quadrinho Cangaço Overdrive.....	32
Figura 28 – Trecho do quadrinho Cangaço Overdrive.....	32
Figura 29 – Capa do filme Mad Max de 1980.....	33
Figura 30 – Capa do Filme Mad Max de 2015.....	33
Figura 40 – Capa do livro Jogos Vorazes.....	35
Figura 41 – Capa do filme Jogos Vorazes.....	35
Figura 42 – Capa do livro O Conto da Aia.....	36
Figura 43 – Capa da série The Handmaid’s Tale.....	36
Figura 44 – Trecho do quadrinho O Conto da Aia.....	37
Figura 45 – Trecho de Bitch Planet.....	38
Figura 46 – Trecho de Bitch Planet.....	38
Figura 47 – Trecho do quadrinho de Lady Mechanika.....	39
Figura 48 – Hipólita mostrando a Diana de onde ela veio.....	41
Figura 49 – Dee e o grupo de sobreviventes.....	42
Figura 50 – Diana reencontra Barbara.....	43
Figura 51 – Barbara e Diana lutando.....	44
Figura 52 – Diana impedindo que homens ataquem Barbara.....	46
Figura 53 – Diana dizendo que ajudaria Barbara.....	46
Figura 54 – Dee enganando Mulher-Maravilha.....	46
Figura 55 – Dee ajudando Mulher-Maravilha.....	48
Figura 56 – Mulher-Maravilha pegando a Kryptonita.....	49
Figura 57 – Homens do governo enviando bombas à Ilha Paraíso.....	50
Figura 58 – Dee usando o Laço da Verdade em Diana.....	51
Figura 59 – Mulher-Maravilha retirando a espinha dorsal de Superman e colocando o Laço da Verdade entre os ossos.....	53
Figura 60 – Pessoas assistindo a tentativa de paz entre Amazonas e o governo.....	54

Figura 61 – Guerra entre Amazonas e os homens.....	55
Figura 62 – Núbis explicando a Diana sobre os braceletes da submissão.....	56
Figura 63 – Hipólita retirando os braceletes de Diana.....	57
Figura 64 – Mulher-Maravilha perdendo o controle dos poderes.....	58
Figura 65 – O planeta sendo destruído.....	59
Figura 66 – Hipólita e Diana conversando enquanto aparece a história da Amazonas nas paredes.....	59
Figura 67 – Hipólita contando à Diana as maldades que sofreu por causa dos homens.....	60
Figura 68 – Hipólita contando à Diana as maldades que sofreu por causa dos homens.....	60
Figura 69 - Hipólita contando à Diana as maldades que sofreu por causa dos homens.....	60
Figura 70 – Diana tentando convencer sua mãe que há bondade na humanidade.....	63
Figura 71 – Barbara sendo torturada.....	64
Figura 72 – Amazonas como Haedras.....	65
Figura 73 – Hipólita ordenando que as Amazonas encontrem Diana e matem a humanidade	66
Figura 74 – Thayden dizendo que transformaria Diana em sua esposa pela beleza.....	66
Figura 75 – Diana apanhando e Thayden dizendo que ela deveria ser grata a ele.....	67

INTRODUÇÃO

Desde o início da história da humanidade observamos que os homens têm posição de poder sobre as mulheres. Com isso, eles as proibiram de estudar, ler, participar de assuntos políticos ou até mesmo de praticar qualquer ação que pudesse estimular minimamente o pensamento crítico delas. Dessa forma, a imagem feminina foi construída em uma sociedade patriarcal para que elas servissem os maridos, filhos e de que cuidassem apenas de afazeres domésticos, ou seja, as mulheres não podiam ser ativas em assuntos intelectuais, críticos, comerciais, industriais, dentre tantos outros considerados exclusivos do homem.

Devido a isso, no decorrer da vida humana, sempre houve mulheres que se rebelavam contra as amarras impostas pelo machismo da sociedade, assim, clamavam por liberdade. A título de exemplificação, cita-se a Inquisição da Igreja Católica como evento extremamente brutal com toda mulher que ousasse ir contra os princípios e modelos da Igreja de como o sexo feminino deveria ser.

Na atual conjuntura social, as mulheres conquistaram muitos direitos ao redor do mundo se comparado ao decurso da história, porém, ainda há uma grande diferença entre a vida feminina e a masculina. Nesse sentido, o considerado sexo frágil continua na luta por questões mínimas de humanidade e em diferentes esferas da vida, causando, assim, uma grande revolta e indignação das mulheres de diferentes círculos da sociedade, como podemos observar em acontecimento atual, divulgado em diferentes mídias, no Irã porque uma jovem não estava vestida conforme normas islâmicas desse país.

Uma das primeiras mulheres iranianas a se levantar contra o uso do hijab, em 2018, Maryam Shariatmadari, 37 anos, foi presa e torturada, antes de fugir para o Canadá. Em entrevista ao Correio, a ativista explicou que, sob a sharia (lei islâmica), as mulheres são legalmente obrigadas a cobrir o cabelo e o pescoço, quando estiverem em público. "A remoção do hijab é um ato de desobediência civil pacífica contra uma lei injusta que viola direitos humanos básicos e a dignidade das mulheres", comentou. "As iranianas apenas querem o direito básico de escolherem. Elas estão sendo mortas por aqueles que se chamam policiais. Precisamos de ajuda." (Craveiro, 2022)

As mulheres iranianas se revoltaram e organizaram protestos em diversas localidades do Irã por intermédio da tirada do hijab, lenço que cobre os cabelos. Haverá uma jihad e punirão com a morte todas as participantes dos manifestos?

A partir dessa ideia de revolta feminina, este trabalho tem objetivo de analisar a minisérie em quadrinhos *Mulher-Maravilha – Terra Morta*, de Daniel Warren Johnson e Mike Spicer, por um olhar social e feminista para identificar o ressentimento do oprimido para com o mundo que lhe oprimiu a partir da linguagem verbal e não verbal do texto, procurando indícios e respostas para o questionamento principal da pesquisa.

No decorrer das histórias de Diana, acompanhamos uma heroína criada apenas por mulheres (amazonas) em uma ilha sem homens Themyscira/Ilha Paraíso, a ilha primeiramente era chamada apenas pelo segundo nome elencado, mas após as amazonas serem escravizadas por Hércules e buscarem refúgio em outro lugar, nomeiam a ilha em homenagem a cidade grega de Temiscira. Quando vai ao “mundo dos homens” não entende o porquê de quererem lhe colocar em um local de inferioridade. Além disso, a personagem tem discurso e postura a frente de seu tempo, defendendo sua liberdade e se fazendo presente em ambientes totalmente masculinos. Essas características fizeram com que pessoas do mundo todo, principalmente mulheres, se identificassem e também se inspirassem na personagem.

Na obra *Mulher-Maravilha – Terra Morta*, Diana é acordada de um sono de décadas, em um planeta devastado. Ela tentará descobrir o que aconteceu com o mundo que deveria ter protegido. Ainda no início e após alguns percalços, a heroína se torna a líder de um acampamento de sobreviventes que vão lhe contando o que foi dito a eles sobre a guerra e a grande explosão. Assim, ao saber de uma parte da história, Mulher-Maravilha traça o plano de levar todos para Themyscira, que pensa estar segura. Porém, ao chegar lá, depara-se com amazonas transformadas em monstros (Haedras).

Em sua terra natal, Diana descobre que houve uma guerra entre os homens e as amazonas. Os seres humanos lançaram bombas em Themyscira, por isso, Hipólita manda sua filha para salvá-las, para que isso acontecesse a rainha tira os braceletes para que os poderes da heroína estivessem sem o controle do acessório. Mas infelizmente uma bomba atingiu o local, acabando com tudo, além disso, as cinzas radioativas que caíra começam a causar mutações nas guerreiras. Ao perceber que não salvara suas irmãs, Diana se revolta contra os homens, descontando sua raiva em Superman e depois na Terra, matando Clark e destruindo o mundo.

Ao descobrir sobre o que fez, Mulher-Maravilha se vê em uma grande decisão: defender os homens ou lutar ao lado de suas irmãs amazonas?

Pensando na revolta das personagens femininas da obra, esta pesquisa tem como objetivo analisar a história escrita e desenhada, ou seja, o verbal e o não verbal, para expor e compreender o ressentimento carregado pelas amazonas por muito tempo em relação ao sexo masculino. Para assim, confirmar que as ações praticadas por elas são uma reação a opressão que sofreram durante séculos vinda de homens e deuses.

No próximo capítulo, trataremos da evolução da personagem Mulher-Maravilha e sua relação com o movimento feminista.

1. O INÍCIO DA MULHER-MARAVILHA E AS INFLUÊNCIAS DO FEMINISMO

Difícilmente ao falarmos de Mulher-Maravilha nos desprenderemos de um movimento que foi fundamental para seu surgimento: o feminismo. Ao falar difícil, queremos dizer que a heroína tem seu contexto histórico e inspirações diretamente ligados a primeira onda do movimento, que compreende final do século XIX e início do século XX.

Para compreendermos melhor como essa ligação acontece, devemos voltar ao início de tudo, quando seu criador William Moulton Marston decidiu criar um personagem que passasse coragem e amor, mas que fosse forte ao derrotar o mal, para isso ele decidiu que seria uma mulher. Ou melhor dizendo, ouviu o conselho de sua esposa Elizabeth Holloway Marston que sugeriu que fosse uma heroína (Pimentel, 2022, p.15).

Porém, não foi só uma simples sugestão que influenciou Marston a criar Diana. O psicólogo foi criado em uma família que tinha muitas mulheres, era sempre muito cuidado por suas tias e mãe, além disso, esteve em contato com movimentos feministas desde sua época de faculdade em Harvard.

Lepore (2017) traça a história por trás da heroína, ou seja, ela conta toda história do criador e tudo que o levou até a história em quadrinhos. Lepore (2017) afirma que em 1911, em Harvard, Marston teve contato com o professor George Herbert Palmer que lecionava Filosofia e falava com muito entusiasmo sobre os gregos, dizendo que eles eram gênios da dialética e retórica, nos fazendo entender que esse seria um dos motivos da escolha de sua personagem ser de origem grega. Este professor além de influenciar nessas questões, sempre tratava sobre a igualdade de gêneros em suas aulas e era padrinho da Liga Masculina de Harvard pelo Sufrágio Feminino e isso obviamente influenciou de algum modo os ideais do psicólogo.

Além disso, Lepore (2017) nos apresenta o primeiro contato do autor com o movimento feminista. Em 1911, houve palestras sobre os direitos femininos, porém, Emmeline Pankhurst, líder do movimento sufragista britânico, foi proibida de falar nos domínios da faculdade de Harvard. Levando a Liga Masculina de Harvard pelo Sufrágio Feminino procurar outro local. A palestra foi feita em Cambridge, William Moulton Marston se fez presente e ficou fascinado pelo que ouviu ali.

Não foram só figuras externas da vida de Marston que inspiraram a criação da Mulher-Maravilha, mulheres ligadas à sua vida íntima também o fizeram. Como já citado, ele era casado com Elizabeth Holloway, ela foi a maior inspiração para a personagem. Como Lepore (2015, p. 36) cita sobre a mulher em trechos de seu livro “Era impetuosa e seletiva. Acima de tudo, era destemida” e “tinha olhos azuis bem apartados e um metro e meio de altura [...] ela prendia os

cabelos compridos, escuros e ondulados no alto da cabeça”, podemos observar que algumas dessas características são encontradas em Diana, como ser destemida e principalmente a aparência física.



Wonder Woman, nº10, 1944.

Holloway estudou em uma universidade apenas de mulheres a *Mount Holyoke College*, pois Harvard não aceitava que mulheres frequentassem o campus principal, criando um anexo chamado de *Radcliffe College*, que era menosprezado e inferior ao principal da universidade, considerado uma concessão relutante e uma discriminação ostensiva (Slosson, 1910, p. 25), já que havia um temor de uma invasão das mulheres nas instituições que gerariam riscos de impactos adversos sobre a vida intelectual, a moralidade ou as boas maneiras que eram consideradas certas para época. Nesse contexto, vemos nas histórias Diana criar uma universidade apenas para mulheres a *Wonder Woman College*. Sendo uma referência aos estudos da esposa de Marston e uma crítica para a situação educacional das mulheres na sociedade que era levada de forma sexista e discriminatória.



Wonder Woman, nº7, 1943

Mas não são só essas influências de Elizabeth que encontramos nas histórias da Mulher-Maravilha, já que ela também influenciou na parte grega da amazona, pois adorava o idioma grego.

Em Mount Holyoke, Holloway estudou inglês, história, matemática e física; acima de tudo, porém, adorava grego. Amava o idioma, as histórias e principalmente as mulheres. Seu livro predileto era *Sappho: Memoir, Text, Selected Renderings and a Literal Translation* (Lepore, 2015, p. 42).

Ao lermos as primeiras HQs da personagem observamos que há expressões ditas envolvendo mulheres da cultura grega, Diana dificilmente cita algum homem da mitologia. Apesar de nos dias atuais também acontecer, no início era uma característica muito forte e presente nas falas dela. Como podemos perceber nas imagens abaixo em que a super-heroína fala “Por Héstia!” citando a deusa grega do lar; quando sua mãe lhe abençoa usando Afrodite e Atena “Que as deusas do amor e da sabedoria estejam com você”; outro momento é quando é citado “Pela lança de Atena!”; e como último exemplo “Pelo sofrimento de Safo!” personagem esse que dá nome ao livro preferido de Elizabeth citado acima. Essas expressões são usadas, além de fazer referência a origem grega, para substituir falas normalmente ditas como “Meu Deus!”, “Pelo amor de Deus!” ou “Que Deus lhe acompanhe!”, fazendo-nos compreender que a Mulher-Maravilha adora figuras femininas da mitologia grega.



Wonder Woman, nº 28, 1948



Wonder Woman, nº 1, 1942



Wonder Woman, nº 28, 1948



Wonder Woman, nº 28, 1948

Sobre a origem grega de Diana, devemos mencionar também a escolha de fazê-la uma amazona. Alguns autores clássicos como Platão, inferirão que as guerreiras foram perseguidas por Hércules e Teseu por não se subjugarem aos homens como era o que se mandava na época, assim, se tornando ameaças ao tradicionalismo patriarcal (Ashford; Curtis, 2020). Ainda sobre isso Salles (2010, p. 56) vai afirmar que

As amazonas pertencem ao domínio da transgressão. Essas guerreiras mitológicas simplesmente desprezavam os valores femininos vigentes na Antiguidade. Por isso, os gregos as viam como um desafio a qualquer “lei natural” ou social. Mais ainda, como um mal encarnado e ambíguo, que causava repulsa e, ao mesmo tempo, seduzia

os homens. De fato, elas tinham em si uma centelha revolucionária, capaz de virar pelo avesso todas as certezas da sociedade grega.

Por causa desse ideal de transgressão, Marston decide que sua heroína fosse uma guerreira amazona, acreditando que ela incorporava a ideologia de desafiar as leis sexistas de sua contemporaneidade. Isso se torna especialmente relevante ao considerarmos que "quase todos os super-heróis da Idade de Ouro (dos quadrinhos) eram homens. A grande exceção foi a Mulher-Maravilha" (Clark; Clark, 1991, p. 69). Não se tratava da ausência de personagens femininas nos quadrinhos da época, mas sim do fato de que "nenhuma delas tinha tido uma agenda tão ambiciosa quanto a que Marston deu à Mulher-Maravilha: mudar o mundo" (Hendrix, 2007). Além disso, o próprio movimento feminista já utilizava a referência às amazonas para designar mulheres que se opunham aos valores e costumes vigentes no período em que Diana foi criada.

Nos séculos XVI e XVII, o termo "amazona" era usado para se referir ao incivilizado e perigoso Novo Mundo", ajudando a legitimar sua colonização. Como observa Clare Pitkethly (2012), a caracterização da Mulher Maravilha como uma amazona foi, portanto, uma inversão muito poderosa do tropo ocidental usual em relação à natureza da feminilidade e dos heróis/heroínas. Marston escolheu este termo precisamente porque já era usado entre as mulheres sufragistas e boêmias que ele conhecia. De acordo com Jill Lepore, o termo "Amazona foi usado pelas primeiras feministas e se referia a qualquer mulher rebelde" que se opusesse ao patriarcado. (ASHFORD; CURTIS, 2020, s.p)

Além de Holloway, outra mulher serviu de inspiração para a super-heroína. Olive Byrne, filha de Ethel Byrne e sobrinha de Margaret Sanger, feministas que ficaram muito conhecidas no movimento nos anos 1900. Enquanto a mãe ficou muito famosa por fazer greve de fome ao ser presa defendendo o controle de natalidade e ser alimentada à força na prisão (Dismore, 2017), sua tia era o maior nome do feminismo naqueles anos por escrever livros defendendo o controle de natalidade, além de ser a fundadora do *Planned Parenthood* que é, até os dias de hoje, uma organização sem fins lucrativos que fornece auxílio à saúde reprodutiva no mundo todo (Seet, 2018).



Margaret Sanger (vestindo o casaco com gola de peles) e Ethel Byrne (à direita da mulher com o bebê no colo) saindo da clínica de controle de natalidade do Brooklyn em 1916 (Lepore, 2017, p. 121)

Olive Byrne foi ex-aluna, assistente e também companheira de Marston. Ela viveu com a família do psicólogo até sua morte, teve filhos com William, que foram adotados por Elizabeth e ele para evitar problemas, e foi quem cuidava da casa e das crianças, além de ajudar o criador de Diana em seus livros, datilografando e auxiliando nas pesquisas. Ela constantemente lia os livros que a tia escrevia e mantinha um relacionamento próximo, trazendo algumas ideias de Sanger para as pesquisas de Marston que se demonstrava muito interessado no assunto defendido por ela.

Como já citado, a personagem de Marston é inspirada nas mulheres de sua vida, até nos pequenos detalhes. Como nos braceletes usados por ela, que vem de Byrne, já que era conhecida por sempre usar braceletes nos pulsos “[...] os braceletes de Olive se tornaram os protetores de Diana [...]” (D’Angelo, 2016).

Nas imagens a seguir, podemos observar Byrne usando o acessório em diversos momentos de sua vida. Com o filho na primeira imagem, auxiliando Marston na segunda e na terceira imagem junto a Elizabeth Holloway e Marjorie Wilkes Huntley. E para efeito de comparação trouxemos uma imagem da Mulher-Maravilha em que podemos visualizar os braceletes em seus pulsos, referência a uma das mulheres de seu criador.



(Lepore, 2015, p. 182)



(Lepore, 2015, p. 183)



(Lepore, 2015, p. 190)



Sensations Comics, n° 08, 1942

Outro ponto que encontramos de influência de Olive na personagem é datilografia. Era Byrne quem datilografava todos textos de Marston e Diana Prince se torna secretária no Serviço de Inteligência dos Estados Unidos por ser veloz na digitação.

Então, Diana Prince larga a enfermagem e vira secretária no Serviço de Inteligência dos Estados Unidos. Ela é excelente em tomar notas e é uma datilógrafa veloz. “Diana datilografava na velocidade da luz!”.

Olive Byrne também era uma datilógrafa superveloz. A Mulher-Maravilha usava os braceletes de Olive Byrne. E, na casa grande e barulhenta de Cherry Orchard, foi Olive Byrne quem bateu os primeiros roteiros de Marston. (Lepore, 2015, p. 248)

Ambas mulheres de William Moulton Marston eram consideradas feministas, já que eram politicamente a favor dos direitos das mulheres, iam contra o que a sociedade impunha que deviam fazer como: não estudar, ambas estudaram, serem apenas dona de casa, Elizabeth trabalhou fora e Olive ajudava William em suas pesquisas; foram transgressoras no quesito comportamental para aquela época, e ele levou para sua personagem características delas, seja nas físicas ou na personalidade. A partir dessas influências femininas e feministas nasceu a super-heroína que não era salva por um homem, mas que o salvava. O que foi feito por Olive Byrne e Elizabeth Holloway Marston, enquanto uma cuidava da casa, dos filhos e ajudava-o com os textos, a outra trabalhava fora de casa trazendo a renda familiar quando o homem não o fazia, já que Marston não conseguia contratos de empregos muito longos, assim sendo incapaz de ser o provedor oficial da casa. Sem essas mulheres, não existiria a Mulher-Maravilha.

Porém, as influências do feminismo não se dão só pelas mulheres da vida do criador, mas também o contexto histórico em que ele viveu. O criador de Diana, viveu no momento em que o Sufrágio Feminino estava acontecendo. Em uma das histórias podemos ver a luta feminina por melhorias nas condições de trabalho em uma fábrica e nos salários. Situação que nos remete a realidade que as mulheres passavam nos anos 1940 e anteriores a eles.



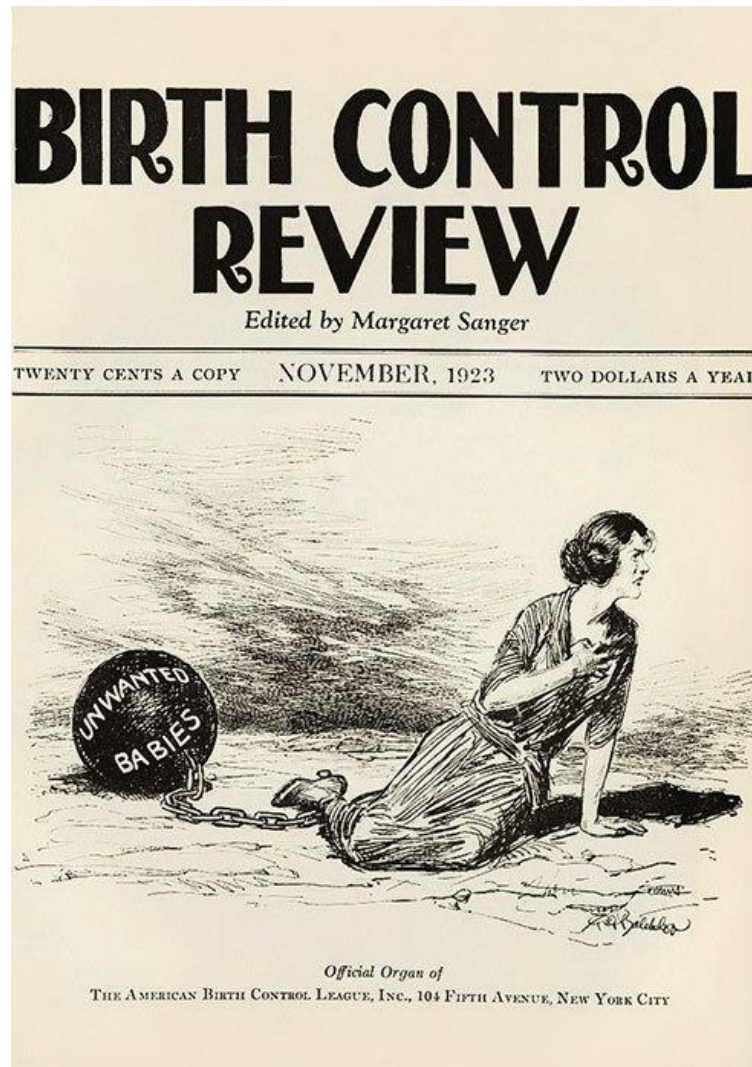
Sensation Comics, n° 8, 1942.



Greve de Pão e Rosas em Lawrence, Massachussets, em 1912 (Mídia Ninja, 2020).

Durante o período do Sufrágio Feminino, Margaret Sanger estava lutando pelo direito de o uso de contraceptivos para mulheres não terem gravidez indesejada, além de tentar passar informações sobre seus próprios corpos à população feminina da época. Em uma edição da sua

revista *Birth Control Review*, Sanger encomendou uma ilustração da artista Lou Rogers para a capa. Na imagem aparecia uma mulher acorrentada pelos pés a um peso escrito “Bebês Indesejados”.



Birth Control Review, 1923.

Marston trouxe essa questão do acorrentamento feminino para as obras de Mulher-Maravilha, não só pela influência de Sanger, mas também de Emmeline Pankhurst, que em sua palestra em Cambridge, que o criador foi, também falou sobre as mulheres serem acorrentadas pelos homens.

Porém, nunca se esqueceu daquele momento, nem de Emmeline Pankhurst e das correntes de que ela falava. Três décadas depois, quando Marston criou uma super-heroína que luta pelos direitos femininos (“Mulher-Maravilha, Mulher-Maravilha! Ela vai deixar o mundo dos homens de pernas pro ar!”), a única fraqueza desta é que ela perde toda a força se um homem acorrentá-la. (Lepore, 2015, p. 29 e 30)

Em uma das histórias vemos Diana ser presa por homens e quando uma amazona tem seus braceletes algemados pelo gênero oposto, elas perdem todos seus poderes. Essa é uma

referência ao mundo em que ele vivia, onde as mulheres eram reduzidas ao casamento e filhos. Eram presas a essa ideia social da época, assim, não tendo direitos, voz ou poder na sociedade.



Wonder Woman, nº2, 1942

Outra influência real para a personagem foi Annie Lucasta Rogers, quadrinista e feminista que publicava cartoons em jornais pelo pseudônimo Lou Rogers, já que nenhuma mídia aceitava publicar trabalho de mulheres (Lepore, 2017). Essa influência chega a Mulher-Maravilha por meio de Harry George Peter, que trabalhava com Rogers e quando a agenda dela estava lotada, foi ele que assumiu as ilustrações da personagem das histórias criadas por Marston.

Em um desenho feito por Peter já como ilustrador de Mulher-Maravilha, podemos observar uma semelhança e referência muito grande com o trabalho de Rogers. A esquerda ilustração feita pela quadrinista para revista *Judge* em 1912 e a direita desenho do ilustrador de Diana feito em 1943.



(Comic Book Legal Defense Fund, 2017)

O psicólogo ao conversar com Sheldon Mayer, mesmo editor de Superman, sobre como seria a história e a personagem, disse que ele poderia mudar o que achasse importante, mas que o feminismo era algo indiscutível, deveria estar presente.

Pode soar fantasioso, admitiu Marston, mas “é tudo verdade”, pelo menos como alegoria, e, de fato, como história, porque sua HQ era pensada para registrar “um grande movimento em curso — o crescimento do poder da mulher”. Ele não se importava com a edição de Mayer, embora preferisse ser consultado. “Espero que possa me telefonar a respeito de mudanças na trama, nos nomes, nos uniformes ou na temática”, ele disse a Mayer. “Esta é a sua função.” No entanto, em relação ao feminismo da história, ele era irremovível. “Deixe este tema como está”, ele falou, “ou largue o projeto.” (Lepore, 2015, p. 234)

Esse movimento em curso que Marston cita é a revolta feminina para tomar o poder. O mundo patriarcal tornando-se um matriarcado. Essa convicção do poder da mulher era algo que sempre foi defendido por ele. O psicólogo acreditava que o gênero feminino era muito mais capaz de comandar o mundo do que os homens.

O matriarcado, disse Marston, era inevitável. “Amazonas ignoradas dominarão os homens daqui a mil anos, diz psicólogo”, informou o *Washington Post*. “As mulheres têm o dobro do desenvolvimento emocional e da capacidade amorosa dos homens”, explicou Marston. “E ao desenvolverem mais capacidade para o sucesso mundano quanto já tem capacidade para o amor, elas claramente virão a dominar os negócios, a nação e o mundo.” Seria uma raça de amazonas (Lepore, 2015, s.p)

Devido a esse ideal, William cria sua personagem como uma “[..] propaganda psicológica para o novo tipo de mulher que, acredito, deveria governar o mundo” (Lepore, 2015). O objetivo de Diana era ser uma visão do futuro, ela foi construída para preparar o mundo, principalmente as meninas, para essa revolução (Hanley, 2014, p. 271).

A Mulher-Maravilha teve como gatilho essa visão utópica feminista de Marston, enquanto os super-heróis conhecidos precisavam de um acontecimento trágico que serviria como transformação do personagem (Hanley, 2014, p. 100), a nossa heroína veio ao mundo não por traumas, mas sim por vontade de mudar o mundo com amor e coragem.

O psicólogo sempre acreditou que mulheres seriam governantes melhores, porque nutriam sentimentos mais nobres do que homens e por isso criou uma heroína que além de forte, era amável e inteligente. Sobre isso Caixeta (2012, p. 10) afirma

A Mulher-Maravilha funciona justamente por caracterizar a mulher de uma forma até então desconhecida. Ao invés de frágeis e indefesas, uma heroína capaz de superar qualquer adversidade com força, inteligência e beleza. O papel de “Amélia” é abandonado em favor da mulher do futuro da América e, nas primeiras histórias, fica clara a propaganda ideológica ao introduzir a heroína justamente no conflito.

A partir deste panorama é possível observar o quanto a personagem e sua origem estão ligados ao movimento feminista. Diana só é Diana por causa de influências do feminismo na vida de seu criador. Por isso, separá-la dele não é uma tarefa fácil. Ela é a inspiração para muitas pessoas ao redor do mundo, pela sua força, coragem e principalmente por ser uma mulher que não é a mocinha esperando ser salva, é ela quem salva, é ela quem batalha pelos seus ideais e objetivos.

Nesta pesquisa, foi analisada a obra *Mulher-Maravilha – Terra Morta* (2021), considerada uma distopia da heroína de Marston. Para que a análise seja efetiva, precisamos antes de tudo entender os conceitos distópicos e como a mulher é criada nesses cenários. Assim, o segundo capítulo será encarregado de esclarecer esses aspectos, principalmente, sobre as personagens femininas da distopia de Johnson e Spicer.

2. DISTOPIAS E FEMINISMOS EM MULHER-MARAVILHA – TERRA MORTA

2.1. Distopia

Ao pensarmos na palavra distopia, logo nos vem a cabeça mundos destruídos e o ser humanos passando por necessidades. Para compreendermos em que momento esse conceito se tornou oficialmente o significado da palavra distópico, devemos entender quando ele foi utilizado e por quê.

A distopia teve seu primeiro registro no final do século XIX em um discurso de John Stuart Mill, que procurava uma palavra que fosse o oposto de utopia (Cunha, 2020, p. 08). Além disso, a sociedade vivia um momento em que pensamentos antiutópicos, niilistas e cientificistas cresciam, quando grandes autores e pesquisadores começaram a duvidar que a humanidade seria capaz de alcançar os mundos vistos nas utopias (Cunha, 2020, p. 14). Porém, ela não é o oposto de utopia, que é definida como

1. concepção de uma sociedade idealizada;
2. a forma literária na qual a imaginação utópica foi cristalizada;
3. a função da utopia;
4. o desejo por uma sociedade melhor baseado no descontentamento com a sociedade atual (Vieira, 2010, p. 6).

Ou seja, a distopia é outra coisa, elas não são idealizadas ou mostram um futuro perfeito. Enquanto a utopia traz um mundo em que esses desejos de melhorias acontecem, a distopia trará o planeta devastado ou em um regime ditatorial, justamente pela não mudança desses comportamentos. A ideia é muito parecida, mas o final é diferente. Uma é esperança, a outra um aviso.

o utópico vê a humanidade e seu futuro com esperança ou alarme. Se visto com esperança, o resultado geralmente é uma utopia. Se visto com alarme, o resultado geralmente é uma distopia (Sargent, 2010, p. 22).

Além dessas definições, podemos analisar a origem etimológica da palavra, para vermos que não é o oposto, mas uma coisa nova. A palavra distopia, etimologicamente é “formada pelo prefixo dis (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais topos (lugar)” (Hilário, 2013, p. 205), ou seja, a ideia é que sejam textos que apresentarão algo que não será bom para humanidade.

Assim, vemos criações de histórias da sociedade ou do mundo que estão em um momento pior do que o atual, são narrativas que tem como objetivo mostrar as consequências de más atitudes humanas.

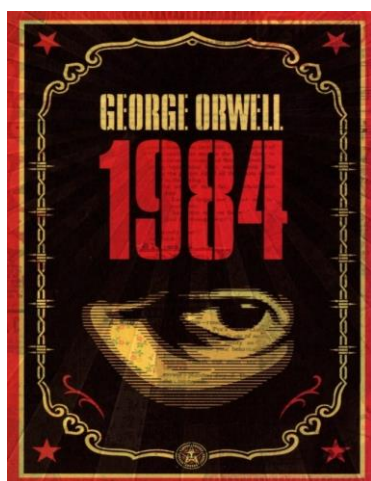
A narrativa distópica não se configura, deste modo, apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente. Ela busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à catástrofe e barbárie (Hilário, 2013, p. 206).

Esse gênero de histórias é em sua maioria marcadas por governos totalitários e autoritários, ou seja, há uma ditadura a ser seguida rigidamente. Além de apresentarem problemas sociais, econômicos, ambientais, situações de precariedade humana (Bahia, 2023, p. 44), até um planeta destruído por doenças ou guerras. Nessas obras podemos ver medos humanos sendo projetos para o espectador/leitor, medos como a falta de água e alimento ou revoluções de robôs.

2.2. Distopia nas artes

Como pudemos observar, histórias distópicas são diretamente ligadas ao contexto social e histórico da humanidade. Dessa forma, podemos citar diversas obras, em diversas mídias, que trazem um mundo diferente do que conhecemos a partir do presente do autor e sua visão para o futuro.

Uma das mais famosas narrativas desse gênero, é *1984* de George Orwell, publicada em 1948. Lançada em um contexto pós Segunda Guerra Mundial, quando a memória dos acontecimentos ainda estava muito presente e atual na mente da população mundial, assim, Orwell traz uma distopia em que o mundo se tornou um só governo totalitário, chamado Oceânia. No livro a sociedade deve seguir rigidamente as regras impostas pelo Grande Irmão, além de receberem apenas informações manipuladas pelo governo. A história de Orwell foi adaptada para cinema e quadrinho.



1984, Orwell, 1948 (Students For Liberty Brasil, 2019)



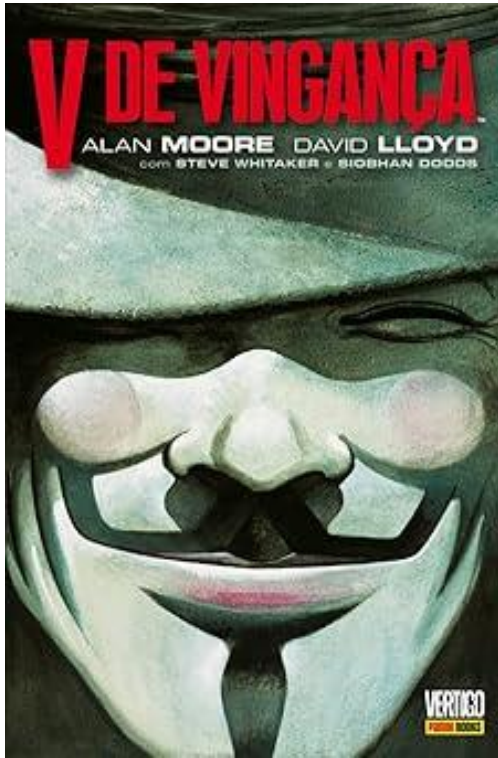
1984, Orwell; Radford, 1984 (Adoro Cinema, 2022)



1984 (Orwell; Nesti, 2020, p. 07)

Alan Moore e David Lloyd, criaram a história em quadrinhos *V de Vingança*, publicada pela primeira vez em 1982. A obra foi adaptada para o cinema em 2005 trazendo Natalie

Portman e Hugo Weaving como Evey e V. A narrativa apresenta um regime fascista governado por Adam Sutler, um ditador que envia opositores, homossexuais e qualquer um que considere indesejável para campos de concentração. Como na obra de Orwell, Moore traz um governo que controla as mídias e há um monitoramento por câmeras.



V de Vingança, Alan Moore e David Lloyd
(Panini Comics, 2018)

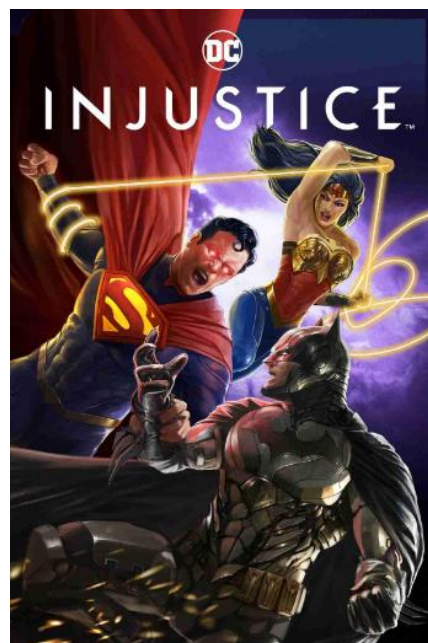


V de Vingança, James McTeigue (Warner Bros,
2006)

A DC Comics costuma criar histórias distópicas, como V de Vingança, sendo assim, seus heróis mais famosos também não escaparam de viver em um mundo totalmente diferente. Injustice, lançado no ano de 2013 primeiro em jogo de videogame, posteriormente, adaptada para os quadrinhos e no ano de 2021 houve a adaptação para animação. Nessa famosa narrativa, quem comanda é Superman, que ao perder Lois ainda grávida e ver Metrópolis destruída por uma bomba atômica se torna um ditador, fazendo todos seguirem suas ordens e caso não sigam, são mortos.

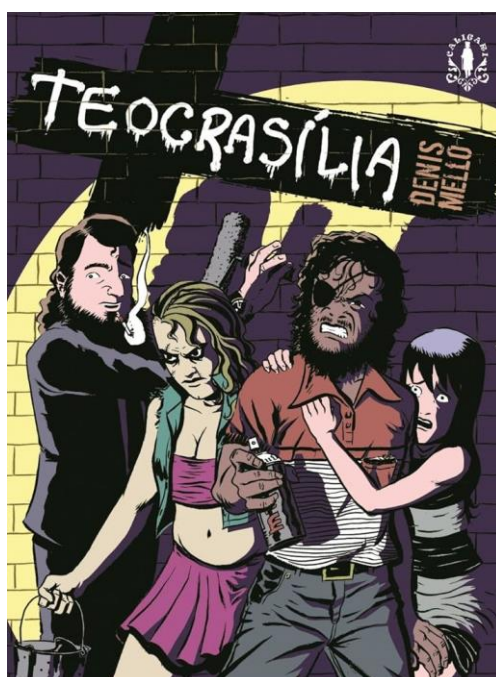


Injustiça: Deuses Entre Nós #1, Tom Taylor, Jheremy Raapack (DC Comics, 2014)



Injustiça: Deuses Entre Nós, Matt Peters, 2021 (IMDB, 2021)

O Brasil não ficou de fora ao criar universos em que o país estaria em grandes problemas. O quadrinho *Teocrasília*, de Denis Mello, lançado em 2016 traz a nação brasileira sendo governada por um regime teocrático, ou seja, toda esfera política, jurídica e social é submetida à religião. Na obra de Mello, temos uma abordagem diferente das distopias usuais, já que diferente das citadas acima, o poder e manipulação vem de discursos religiosos e não fascistas.



Teocrasília, Mello, 2018 (Caligari, 2018)

Seguindo a ideia de manipulação religiosa Darwiz Bagdeve cria um universo em que Nordeste é um país separado do restante chamado Brasão. Lançada de forma on-line em 2022 *Kairu-Edé: Guerreiro Fantasma*, narra a história de um garoto homônimo ao quadrinho, que não tem sobrenome e não sabe nada sobre seu passado. O protagonista vive em uma realidade que o Sigmarismo é a religião mandante e as religiões de matriz africana foram totalmente apagadas e esquecidas. Assim, Kairu entra em uma aventura para se descobrir e conhecer sua ancestralidade, descobrindo os orixás e seu guia.



Kairu-Edé: Guerreiro Fantasma; Bagdeve (Fliptru, s.p, 2022)



Kairu-Edé: Guerreiro Fantasma; Bagdeve (Fliptru, s.p, 2022)

Outro exemplo de distopia brasileira é *Cangaço Overdrive*, de Zé Wellington e Walter Giovani, publicado pela primeira vez em 2018. Nesse universo nos é apresentado o estado do Ceará na maior seca vista nos últimos séculos, um cangaçeiro e coronel são reanimados na tentativa de finalizar uma peleja que deixaram no passado. A HQ mistura narração em forma de cordel e batalhas com próteses cibernéticas.



Cangaço Overdrive, Wellington; Geovani (Draco, p. 13, 2018)



Cangaço Overdrive, Wellington; Geovani (Draco, p. 12, 2018)

Esses são apenas alguns exemplos dentro de um mundo repleto de obras distópicas que existem na atualidade. Porém, em sua grande maioria a mulher não é a personagem principal, todas artes citadas trazem mulheres, mas os homens é que protagonizam e são os condutores das ações do enredo. A seguir abordaremos obras que tem mulheres como protagonista.

2.3. Mulheres nas distopias

O universo das distopias sempre teve seus personagens e enredo ligados ao homem e para o imaginário do homem. Porém, há alguns anos essa realidade que conhecemos vem mudando, os autores, diretores, roteiristas estão criando ou recriando histórias em que temos protagonistas femininas.

Um grande exemplo em que temos uma narrativa alterada para dar mais protagonismo feminino, é a quadrilogia *Mad Max*, de George Miller, que teve seu primeiro filme lançado em 1979. Pelo grande sucesso, ganhou continuação em 1981, 1985 e 2015. O enredo dos três primeiros filmes gira em torno de Max, nome que leva o título do longa, um policial que tenta se vingar pela morte de sua mulher e filho em um mundo desértico, com doenças degenerativas, mutações, falta de água e alimento, onde a única opção dos pobres é implorar por restos nos portões das poucas cidades que restam.

Em 2015, o mundo esperava uma continuação do que já conheciam e do justiceiro Max, porém, o novo filme trouxe algumas mudanças. Continuava sendo uma história que entregava ao público masculino tudo aquilo que se esperava, bombas, explosões, armas, automóveis, mulheres bonitas, entre vários outros elementos. Mas o que o público não esperava era que Imperatriz Furiosa fosse ser apresentada e se tornaria a protagonista feminina dividindo tela com Max.

Coragem. Manipulação de armas de fogo. Direção de automóveis grandes e velozes. Força física. Protagonismo. Decisão. Liderança. São todas palavras ligadas ao masculino, ao conceito de virilidade, de ação. Furiosa detém todas em si (Sandre, 2020, p. 42).

Dessa forma, no quarto filme Furiosa se torna a heroína, deixando Max quase em segundo plano. Podemos observar que até em um dos posters é ela quem vem a frente, o homem está atrás. A quadrilogia passa por essa renovação, trazendo uma personagem mulher tendo todas as características que era comum só para o personagem masculino principal.



Mad Max, Miller (Warner Bros, 1980)



Mad Max: Estrada da Fúria, Miller (Warner Bros, 2015)

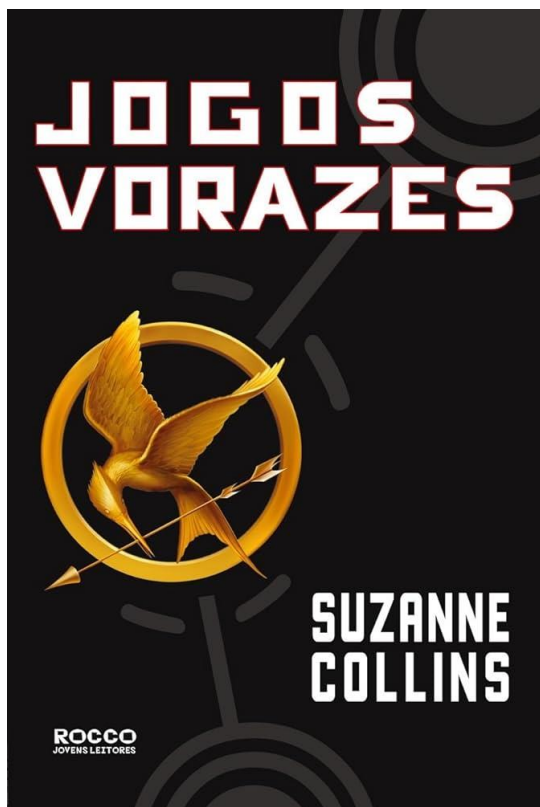
No ano de 2008, Suzanne Collins lança *Jogos Vorazes* distopia que se passa em um futuro pós guerra onde a América do Norte deixou de existir e se tornou uma nação chamada Panem, formada por 12 distritos e comandada pela Capital. Todo ano cada distrito deve mandar dois representantes, que são escolhidos entre jovens de 12 a 18 anos, para participarem dos

Jogos Vorazes, um *reality show* de matança e que apenas um sobrevive. Nesse cenário, Katniss é a protagonista, ela é a personagem que foge um pouco dos padrões de mocinhas, já que desde nova ela quebra as regras estabelecidas pela Capital para caçar na floresta e poder alimentar sua família.

Em uma das edições, a irmã de Katniss é a sorteada para ir representar o distrito 12 nos Jogos Vorazes. A protagonista se voluntaria para ir no lugar dela. A partir dessa escolha, ela se torna uma imagem de rebelião. Ao decorrer da trama, Katniss conviverá com Peeta, o outro tributo de seu distrito, que deveria ser o personagem másculo, porém, ele é o oposto do que se espera do homem distópico. E ela é o oposto dele, é considerada grosseira, pois não sabe ser cordial e nem conquistar as pessoas na Capital, algo que o garoto sabe fazer muito bem. Ela não é a protagonista feminina que o mundo patriarcal espera. Suzanne Collins cria uma personagem que não sabe ser salva, pelo contrário, é ela que a todo mundo momento precisa salvar todos e principalmente os homens a sua volta.

a autora norte-americana não fixa o gênero masculino ao Herói e o gênero feminino à Donzela, ao contrário, Suzanne Collins concebe o heroísmo e todas as suas características à sua personagem feminina Katniss Everdeen, o que consequentemente coloca Peeta Mellark na posição de Donzela (De Moraes, 2017, p. 194)

A trilogia *Jogos Vorazes* é outro exemplo da personagem feminina tendo as características que antes só eram atribuídas ao homem. Não houve renovação da história nesse caso, já que desde o início Katniss se mostra transgressora, enquanto Peeta é quem tem a descrição de alguém indefeso e que durante toda a história é salvo pela protagonista.



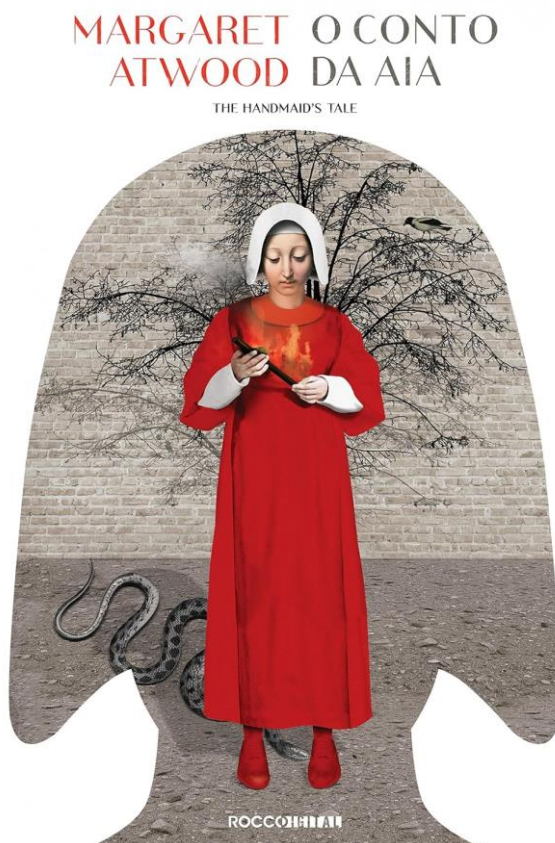
Jogos Vorazes, Suzanne Collins (Rocco, 2008)



Jogos Vorazes, Gary Ross (Lionsgate, 2012)

Entretanto, as histórias distópicas nem sempre criam heróis, algumas vezes apresentam ao espectador personagens que estão muito mais próximos da realidade e do famoso “fazendo o que dá para sobreviver”. Em *O Conto de Aia* (1985), livro escrito por Margaret Atwood, traz os Estados Unidos da América em um regime teocrático e totalitário, onde tudo é proibido, até a escrita, pois acreditam que placas de lojas seriam considerados tentações. Nesse mundo quem mais sofreu foram as mulheres, pois elas perderam todos seus direitos e principalmente a sua liberdade. O gênero feminino é separado em cinco tipos: as aias que são responsáveis por gerar crianças e vestem apenas vermelho; as Marthas que são as domésticas e suas roupas são verdes opacas; as esposas de homens pobres que tem cores coloridas nos vestidos; as viúvas que podem vestir apenas preto e as esposas de comandantes que ninguém vê andando pelas ruas apenas em carros. Cada tipo se veste de uma forma para serem distinguidas em meio a sociedade. A história é narrada por uma aia, ela não é uma heroína, não como costumamos conhecer. Não temos uma personagem revolucionária. Pelo contrário, é uma mulher com medo da morte, que desistiu de sua vida passada para poder viver na atual realidade. Ela é conformada. E talvez esse conformismo seja o mais perto da nossa realidade, já que encontramos diariamente mulheres em locais de desconforto apenas pelo instinto de sobreviver ao mundo que nunca lhes foi auspicioso.

O Conto da Aia foi adaptado para série de televisão em 2017, estrelando Elisabeth Moss e produzida pelo canal Hulu. Essa adaptação fez muito sucesso por trazer temas como machismo, sexismo, poluições e doenças sexualmente transmissíveis, além de um regime totalitário baseado em ideais cristãos, em um momento em que os Estados Unidos passavam por um governo de extrema direita que retrocedia em diversas áreas sociais. No ano de 2019, Renée Nault adaptou a história para os quadrinhos, em uma graphic novel.



O Conto da Aia, Margaret Atwood (Rocco Digital, 2017)



The Handmaid's Tale (Adoro Cinema, 2017)



O Conto da Aia, Margaret Atwood e Renée Nault (Rocco, 2017)

Além de adaptações, os quadrinhos também criam universos distópicos em que mulheres são as protagonistas. Em *Bitch Planet* lançado em 2014 e escrito pela autora Kelly Sue DeConnick, apresenta um futuro não específico e patriarcal politicamente e militarmente, onde a segregação de raça e gênero é institucionalizada. Dessa forma, mulheres consideradas não compatíveis com o que o governo define como ideal, são mandadas para um outro planeta que é chamado de “posto auxiliar da conformidade” ou como é conhecido “*Bitch Planet*”. Os motivos que podem levar ao exílio forçado destas mulheres são entre muitos: “egoísmo”, “assassinato de feto”, “histeria”, “ninfomania”, “incitação política”, “obesidade”. Nesta narrativa temos Kamau Kogo como a protagonista e prisioneira do *Bitch Planet* que junto a outras personagens femininas buscam lutar contra esse sistema que as oprime.



Bitch Planet, n° 1; Kelly Sue DeConnick (Image Comics Inc; 2014, p. 5)

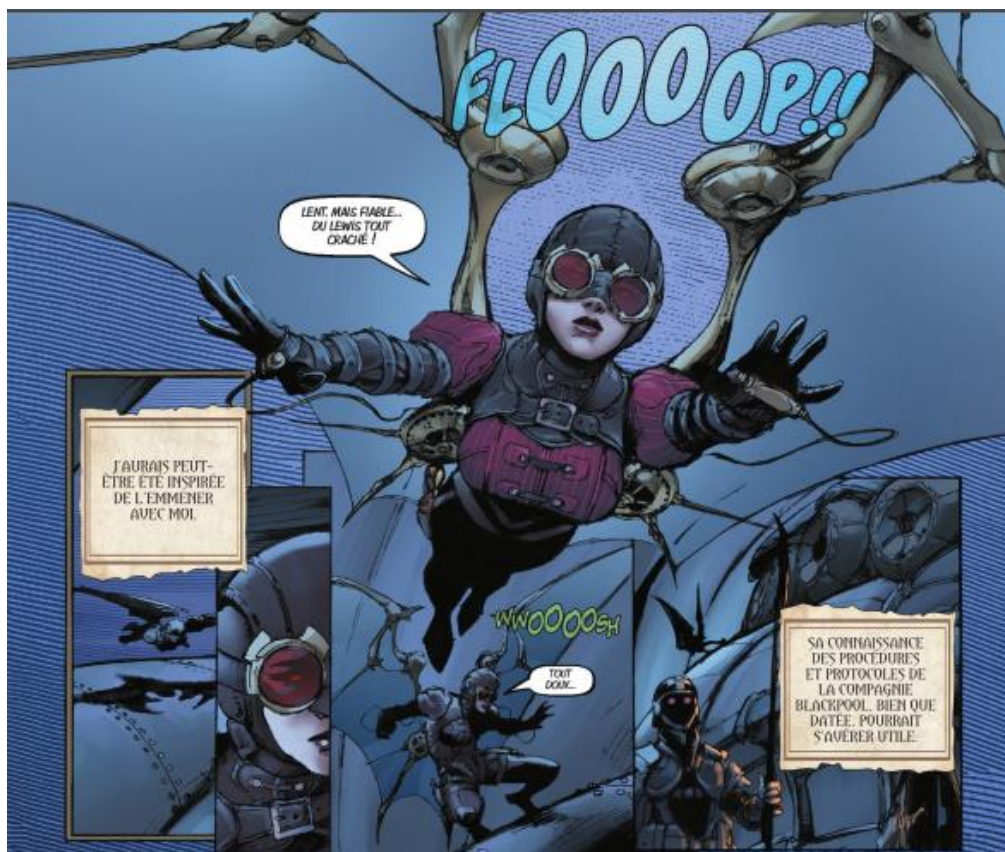


Bitch Planet, n° 2; Kelly Sue DeConnick (Image Comics Inc; 2014, p. 11)

Na obra de DeConnick é possível analisar a crítica em forma de ficção aos governos patriarcais da realidade, além de criticar os padrões que são estabelecidos pela sociedade, majoritariamente por homens, para os corpos femininos e o comportamento social e particular que a mulher deve ter perante ao masculino. A autora traz personagens femininas fortes e até consideradas raivosas, lutando contra um mundo que não as respeitam como igual ou como humanas. Situação que é enxergada no dia a dia da sociedade real, em que mulheres cada dia mais se revoltam com os padrões irreais estabelecidos pelo patriarcado.

As histórias mencionadas até aqui têm em comum a crítica social como fonte do enredo e por isso abordam questões feministas, mas nem todos que são protagonizados por mulheres tem essa intenção, apesar de serem revolucionários só pela escolha da protagonista. Nesse sentido podemos elencar a HQ *Lady Mechanika* (2010) de Joe Benitez, a trama se passa em um mundo vitoriano alternativo, onde temos a personagem principal que leva o nome da obra, sendo uma detetive que busca resolver casos e ao mesmo tempo tenta desvendar sua própria história, já que não tem memórias sobre sua origem.

Lady Mechanika tem próteses devido ao seu passado misterioso e traumático. No início da série, é revelado que ela foi encontrada inconsciente e gravemente ferida em uma rua, sem memória. Ela foi submetida a um procedimento experimental para salvar sua vida, o que resultou na substituição de partes de seu corpo por próteses mecânicas que são feitas de metal e extremamente avançadas para a época em que a história se passa. Elas proporcionam a personagem habilidades sobre-humanas, como força aumentada e resistência, além de contribuírem para sua aparência distintiva, com braços e pernas mecanizados.



Lady Mechanika: The Mystery of the Mechanical Corpse 2º parte, Joe Benitez (Glénat Comics, p. 19, 2010)

É perceptível que todas personagens mencionadas são donas de muita força e determinação, seja apenas para sobreviver ou para lutar pelos ideais desejados e sonhados. É dessas duas formas que encontramos Diana na obra Mulher-Maravilha – Terra Morta, em busca de sobrevivência e compreensão do que acontecia no mundo. Assim, demonstrando a força e poder de uma mulher em meio a realidade caótica.

2.4. Terra Morta: as mulheres no universo distópico de Mulher-Maravilha.

Na obra de Johnson e Spicer (2021) *Mulher-Maravilha – Terra Morta*, Diana desperta de um sono induzido de muitos anos, em um planeta Terra destruído. A heroína, junto ao grupo de pessoas que encontrou, tentará descobrir o que aconteceu com o mundo que deveria ter protegido. Após salvar o Acampamento Nova Esperança, ela se torna a líder da cidade de sobreviventes que vão lhe contando o que sabem sobre a guerra e a grande explosão. Sabendo que o mundo dos homens não era mais seguro, Mulher-Maravilha traça o plano de levar todos para Themyscira, pois lá ela julgar ter sido poupado da destruição. Porém ao chegarem ao destino, deparam-se com amazonas transformadas em monstros (Haedras).

Na Ilha Paraíso, Diana descobre que aconteceu uma guerra entre homens e amazonas. E que ao ser lançado bombas em sua terra natal, Hipólita manda sua filha para salvá-las, para isso tira seus braceletes para seus poderes estarem em absoluta força. Mas infelizmente uma bomba atingiu o local, arruinando tudo e as cinzas radioativas gerando mutações nas guerreiras. Ao perceber que não salvara suas irmãs, a heroína se rebela contra os homens, dirigindo sua raiva primeiro em Superman e depois na Terra, matando Clark e destruindo o mundo.

Nesta narrativa há presença de diferentes personagens femininas e são elas que a narrativa é focada. A presença dos homens em sua grande maioria é deixada em segundo plano, colocados como vilões ou companheiros e amigos das mulheres, sem muito aprofundamento em suas histórias.

Nas primeiras páginas as primeiras personagens femininas que nos é apresentado são Hipólita e Diana. A mãe, mostrando a filha de onde ela veio e sua história de criação. A rainha das amazonas é uma figura de força e liderança para toda uma nação que a segue por séculos e luta em honra a adorada líder. A filha é uma semideusa que ainda é nova, mas muito poderosa e esse poder destruirá o mundo, ainda aprendendo sobre sua origem e como lutar.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 3)

Há um salto temporal e aparece um grupo na atual Terra procurando por alimento, esses jovens são liderados por Dee, uma mulher ainda nova que não era viva quando o planeta foi destruído. Ela já se mostra como uma personagem forte e determinada, pois decide não voltar ao acampamento de mãos vazias, primeiro por não querer ser castigada e ao decorrer descobriremos que Dee tem uma irmã criança e luta pela sobrevivência das duas.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 6)

Em *Terra Morta*, encontramos uma personagem já conhecida pelos fãs de *Mulher-Maravilha*, ou melhor, uma vilã. Barbara, a *Mulher-Leopardo* aparece neste quadrinho transformada devido a radiação. Diana encontra com uma de suas arqui-inimiga em um duelo estilo gladiador, onde apenas uma poderia sair viva. A personagem é usada como entretenimento pelos habitantes do acampamento e compra essa ideia apenas como tentativa de sobreviver a nova realidade, luta e ganha ou morre.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 28)

Assim, podemos afirmar que a diversidade de mulheres há em comum a sede de sobrevivência, cada uma luta de formas diferentes contra o cenário governado por homens. E são elas que detém o poder de destruir o planeta e salvá-lo, que é o que acontece. Diana devasta a Terra e é ela que junto com outras mulheres salvará todos os habitantes do acampamento.

Dessa forma, concluímos que os ideais de Marston segue firme nas histórias atuais de sua heroína. Ela cria uma mulher forte como exemplo a todas no mundo e Johnson e Spicer trazem para sua obra essa personagem, além de acrescentar traços mais humanos, Diana erra como todos nós, mas como no seu início seu lado justo, protetor e amoroso ganha e ela salva a todos.

No próximo capítulo, vamos trabalhar com a narrativa que coloca a Mulher-Maravilha em um mundo distópico para discutir a opressão às mulheres.

3. A opressão e ressentimento em *Mulher-Maravilha – Terra Morta*.

Como observado no primeiro capítulo deste trabalho, a *Mulher-Maravilha* está profundamente ligada ao movimento feminista. Mesmo que por algumas vezes tenha perdido essa influência, a personagem sempre traz à tona algum pensamento ou atitude feminista, por mais que tentem apagar esse traço de Diana ela consegue, de alguma forma, transmitir aos leitores essa essência da sua criação.

Em *Mulher-Maravilha – Terra Morta* (2021), esses ideais feministas não ficariam de fora da narrativa. Porém, ao invés de aparecer como nas primeiras aparições da heroína, podemos analisar que na minissérie de Johnson e Spicer, esses posicionamentos aparecem como uma revolta a opressão sofrida pelas mulheres, mais precisamente pelas amazonas, a partir de um ressentimento nutrido por séculos de história.

Assim, a palavra opressão é definida por Hooks (2019, p. 37 e 39) como a ausência de opções, além de pontuar que é uma situação política. A definição da autora nos cabe por se encaixar aos acontecimentos da história. Já que Diana, dá fim ao mundo por ver seu lar destruído por homens do governo federal. Além disso, toda opressão tem como origem pensamentos políticos, pois todo oprimido é alguém de uma posição social diferente e considerada inferior ao opressor, como vemos na história em que agentes do governo, considerados poderosos e superiores as amazonas, enviam bombas a Themyscira.

A linguagem não é fenômeno particular, mas sim construída em um conjunto de pessoas com pensamentos, opiniões, classes e problemas iguais ou diferentes e só fará sentido se houver comunicação e compreensão de ambas as partes.

[...] Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica -- todos os signos não- verbais -- banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele (Bakhtin, Volochinov, 1990, p. 38).

Em virtude disso, podemos entender que o discurso da minissérie *Terra Morta* é carregado de ressentimento e opressão. Nesse sentido, reforçamos que “Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (Bakhtin, 2009, p. 30). Ou seja, todo signo é carregado de intencionalidade, princípios, valores, filosofia etc. Ninguém diz/escreve algo sem ter em pensamento o recado que deseja transmitir, sem uma opinião formada sobre determinado assunto.

Além disso, focar também na linguagem não verbal nos abre portas para interpretações que só a língua escrita com palavras não seria o suficiente para a compreensão efetiva do que

significa a história. Isso porque a linguagem visual presente nos quadrinhos são “a forma de comunicação mais instantânea e internacional de todas as formas modernas de contato entre os homens de nosso século” (Moya, 1977, p.23).

Para analisar o discurso de uma história em quadrinhos, não é conveniente ficarmos presos apenas ao que está escrito. Além disso, sabe-se que a Linguística Aplicada pode encaminhar um pesquisador para descobertas em outros campos do conhecimento que, por sua vez, podem responder questionamentos baseados na linguagem do texto, uma vez que:

Há ainda um outro sentido de crítico, de inspiração marxista e com grande influência nas Ciências Humanas e Sociais. Pautada pela preocupação em desvendar fenômenos mascarados por ideologias, tal abordagem crítica busca desvelar a “verdade” de compreensões “distorcidas” da “realidade” (Lopes, Fabricio, 2019 p. 1).

Ademais, Greimas (1979, p. 11) destaca que “o facto de o mundo visível, em vez de se projectar diante de nós como um écran homogêneo de forma, nos aparecer constituído por várias camadas sobrepostas, ou até justapostas, de significantes”, ou seja, os quadros não são só construídos como apenas imagens de acontecimentos da história, mas sim como representação de sentidos a mais sobre ela. Assim, fortalecendo a mensagem a ser passada para o leitor.

Segundo Hooks (2018, p. 18), “A sororidade não seria poderosa enquanto mulheres estivessem em guerra, competindo umas com as outras”. Em *Mulher-Maravilha – Terra Morta*, vemos um exemplo de sororidade quando Diana diz à Barbara que não era necessário o confronto que estava sendo imposto a elas e quando homens tentam ferir sua arqui-inimiga, a heroína a defende e diz que iria ajudá-la, sem ao menos cogitar a ideia de que a outra não faria o mesmo se elas estivessem em posições inversas.





Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 39)



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 44)

Muitas vezes, as mulheres sentem aguçada a necessidade de disputar entre si para serem validadas, vistas, ouvidas ou, ainda, para se sentirem seguras. Nos exemplos dessas imagens analisadas, observamos que Barbara precisa enfrentar Diana não por rivalidade gratuita, mas como uma estratégia de sobrevivência em um mundo que não lhe é favorável. Fora dos quadrinhos, é possível perceber que muitas mulheres acabam se colocando em oposição ao próprio gênero por falta de escolha ou de acesso a informações, reproduzindo, assim, discursos originados predominantemente de visões masculinas

Outro momento que é possível observar uma mulher usando outra para seu próprio benefício, é quando Dee engana Diana e a leva como recurso para o líder de seu acampamento em troca de alimento. A personagem fez aquilo que foi preciso para sobreviver no mundo destruído em que vive, ela precisa usar outra mulher como prêmio para garantir o mínimo de sustento.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 21)

A partir da análise do não verbal, podemos assimilar quais sentimentos as personagens estão sentindo. Por meio dessa leitura entendemos que Barbara sente medo, Diana sente compaixão e Dee sente culpa. Isso porque

A sintaxe verbal é apenas uma das linguagens humanas e apenas uma das formas do pensamento humano; (...) É preciso cultivar a visão. (...) Na história em quadrinhos a posição das personagens, seus gestos e suas expressões faciais são desenhadas explicitamente e através dos desenhos poderemos reaprender a ver o outro (Gaiarça, 1977, p. 120)

A partir dos desenhos todos esses sentimentos são possíveis de entender, algo que não seria efetivo se tivéssemos apenas a linguagem verbal para analisar. A humanidade interpreta contextos pelo visual e é por ele que nos vemos no outro, gerando a empatia, raiva, amor, etc. Ao termos as expressões faciais dessas personagens, conseguimos nos colocar no lugar delas e pensar o quão injusta é a situação e nos revoltar com ela.

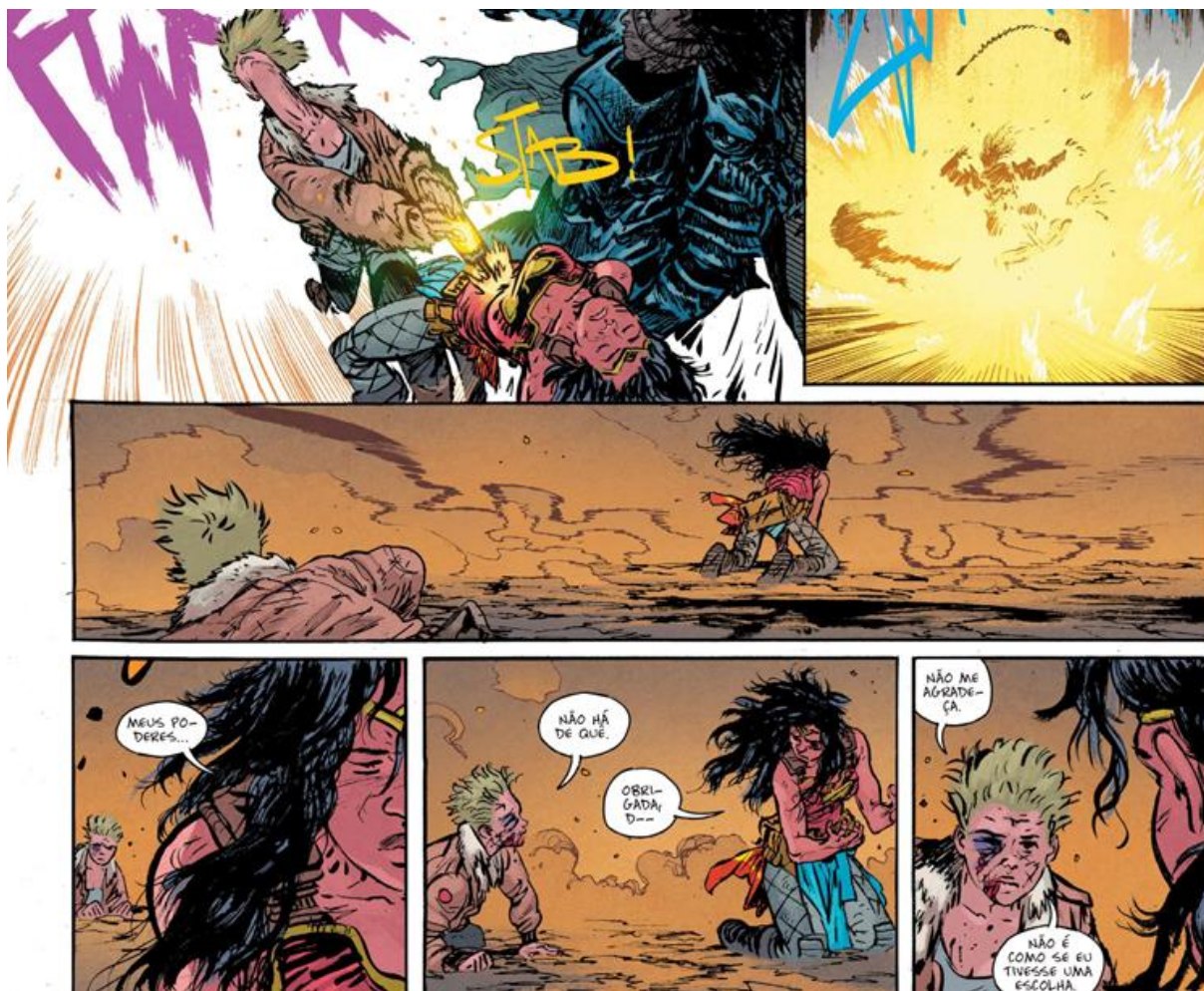
Sobre a ideia de disputa feminina que observamos nas imagens, Hooks (2019, p. 89) afirma:

A ideologia supremacista masculina encoraja a mulher a não enxergar nenhum valor em si mesma, a acreditar que ela só adquire algum valor por intermédio dos homens. Fomos ensinadas que nossas relações umas com as outras não nos enriquecem, mas, pelo contrário, deixam-nos ainda mais pobres. Fomos ensinadas que as mulheres são inimigas “naturais” umas das outras, que a solidariedade nunca irá existir entre nós porque não sabemos nem devemos nos unir.

Porém, apesar de todos os obstáculos, há mulheres que compreendem o poder que existe na união entre si e percebem que o discurso patriarcal fere diversas esferas da vida — inclusive a dos próprios homens. Estes, embora também sejam prejudicados por atitudes machistas, muitas vezes preferem continuar a propagar esses discursos, pois são beneficiados por eles. Mesmo sendo julgados ao adotar comportamentos considerados femininos, optam por não alterar suas falas e atitudes, pois é justamente essa manutenção das estruturas que lhes garante a posição de superioridade em relação às mulheres.

Quando mulheres se organizaram pela primeira vez em grupos para juntas conversar sobre questões relacionadas ao sexismo e à dominação masculina, elas foram claras quanto ao fato de que mulheres eram tão socializadas para acreditar em pensamentos e valores sexistas quanto os homens. A diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do sexismo do que as mulheres e, como consequência, era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado. (Hooks, 2018, p. 23)

A exemplo de mulheres percebendo que são mais fortes quando unidas, temos a cena de Dee, que após passar a história ora confiando em Diana, ora não, decide por ajudá-la a recuperar seus poderes por perceber que sem ela não conseguiriam conquistar a vitória. Assim, vemos um momento em que mesmo Dee não querendo, ela decide ter sororidade ao ajudar aquela que não confia, com um objetivo maior de transformar o mundo.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 4 Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 28)

Considerada por muitos como leitura para criança, as histórias em quadrinhos trazem uma carga cognitiva muito grande que não é adequadamente considerada ainda no mundo acadêmico. Ao ler uma HQ, o leitor precisa, necessariamente, compreender o que se diz e o que não se diz, ou seja, espera-se que ele entenda, a partir de imagens ou onomatopeias, algo que o autor não escreveu.

As histórias em quadrinhos apresentam uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da história em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual (Eisner, 2010, p. 2).

Nesta perspectiva, a leitura de histórias em quadrinhos quando feita de forma efetiva trabalhará não só leitura de palavras e imagens, o leitor deve compreender o que cada item colocado naquela página significa, desde palavras, onomatopeias, balões, feições do personagem, construção dos quadros, tudo ao mesmo tempo. Por isso

a leitura de histórias em quadrinhos não é mais fácil, bem pelo contrário, requer uma prática de leitura muito maior, que seja capaz de reconhecer traços e formas, dando

atenção à imagens e palavras do mesmo modo; além de que, a leitura desse tipo de histórias acarreta novas habilidades de leitura, em forma de aperfeiçoamento (Hauch, 2017, p. 42)



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 32)

Nessa imagem, espera-se o entendimento do leitor de que o vidro ao fundo não está sendo mostrado sem motivos e que, além disso, perceba o olhar de Diana para o vidro, acionando conhecimentos prévios do leitor para relacionar aquelas pedras verdes à Kryptonita, ponto fraco do Superman. No quadrinho a seguir, é apresentado uma onomatopeia em que o leitor precisa interpretar como o barulho de um vidro sendo quebrado. O receptor dessas imagens não recebeu nenhuma informação além das imagens, pois o texto não verbal deu subsídios para estabelecer uma leitura.

Os quadrinhos não só auxiliam nessa melhoria de leitura, como também passam mensagens sociais, éticas, psicológicas, entre outras. O aspecto cultural é levado em conta nas construções dessas histórias, quanto mais representatividade maior é a identificação com o personagem, além de levar mensagens culturais a todos âmbitos da sociedade.

Elas apresentam no seu enredo vivencial uma série de questões, de suma importância, com as quais os seres humanos “normais” se defrontam na vida cotidiana. Desde questões referentes à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, até às que se referem às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino e ao sentido de nossa vida, passando ainda por aquilo que pensamos da ciência e da natureza, pelo papel da fé na aspereza deste mundo, pela importância da amizade e o significado do amor, bem com à natureza de uma família, às virtudes clássicas como coragem, o comedimento, a prudência, dentre outros temas. Talvez seja por essa razão que tantas pessoas se prendem ao universo dos super-heróis, dando-lhes essa massiva audiência (Weschenfelder e Kronbauer, 2010, p. 2).

Trazemos um exemplo de construção de imagem em que é perceptível que a construção não é sem intenção. Vemos quatro homens decidindo enviar bombas à uma ilha que só tem mulheres. Seres do sexo masculino estão decidindo o futuro de milhares de amazonas com a justificativa de estarem se precavendo de uma possível represália vinda delas. Além disso, podemos ver a letra k em forma crescente na parede. No mundo digital, como se sabe bem, essa letra representa uma forma de risada. Assim, podemos interpretar que a decisão tomada não está livre de maldade, pelo contrário, está carregada dela.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 20)

Hooks (2018) afirma que os homens são ensinados e socializados por outros homens dominantes em locais de trabalho e sociais, a aceitarem ser dominados pelo mais forte, esperando que em casa ele seja o dominador de seus relacionamentos íntimos, para assim reestabelecer o sentimento de poder. Porém, conforme mais mulheres saem de seus trabalhos domésticos para trabalharem fora de casa e mais homens se encontram desempregados ou com baixos salários, deixando-as encarregadas de sustentar financeiramente o lar, eles acreditam que o uso da violência o fará conquistar novamente seu cargo de dominador dentro da hierarquia sexista da sociedade.

Neste sentido, os homens da história buscam por meio da violência contra as amazonas, reconquistar esse poder porque sentem medo ao ver que estão em desvantagem em uma guerra contra essas mulheres. O pavor de serem dominados pelo gênero feminino faz com que utilizem métodos brutais e hostis para permanecerem no seu local “superior” ao delas, configurando assim “[...] um mecanismo necessário à perpetuação do poder masculino” (SANTOS, 2008, p. 46) em detrimento das mulheres.

Um dos elementos mais famosos usados pela Mulher-Maravilha é o Laço da Verdade, acessório que muitos acreditam ter sido inspirado no polígrafo — instrumento cuja criação foi fortemente influenciada pelas pesquisas de Marston. Entretanto, o apetrecho utilizado pela personagem está, na verdade, associado ao conceito de domínio (Langley e Wood, 2018, p. 42). O psicólogo afirmava que o ser humano possui uma tendência natural à dominação dos mais fracos, e analisava essa característica a partir da perspectiva de gênero. Seus estudos indicaram que os homens buscam dominar como forma de se sentirem vitoriosos: desde a infância, meninos se envolvem em jogos e brincadeiras competitivas que, ao resultar em vitória, geram

sentimentos de conquista e prazer; porém, quando frustrados, podem levar a explosões de raiva. Já mulheres e meninas, segundo Marston, lidariam de maneira diferente com situações de dominação, frequentemente relacionadas a dinâmicas de status e reconhecimento.

Neste sentido, considerando esta pesquisa junto a inspiração pelo poder da deusa Afrodite, o laço da verdade foi criado para ser usado como forma de dominação, assim, é Diana quem usa para conseguir a honestidade das pessoas que está preso a ele, “a Mulher-Maravilha poderia usar essa habilidade para forçar os outros a dizerem a verdade, mas sempre com o objetivo de ser obedecida; não havia nenhuma intenção de obter a verdade” (Lloyd e Langley, p. 37, 2018).

No quadrinho Terra Morta, é possível ver esse controle que a pessoa utilizando o Laço da Verdade tem sobre o dominado. Em uma cena Dee se apropria do objeto para ordenar que Diana fale a verdade sobre quem é, alegando que só assim para conseguir a resposta verdadeira, demonstrando o domínio de quem empunha o laço tem sobre o outro.



Pensando em construção do não verbal desta imagem, devemos observar a construção do posicionamento das personagens. Em primeiro momento, temos Dee colocada como menor em comparação a Diana, isso pode nos indicar que até este momento a heroína estava acima em questão de poder do que a outra, mas ao ser dominada Mulher-Maravilha é colocada de joelhos olhando para Dee, que está com seu corpo projetado em posição de superioridade, de baixo para cima, subjugada a ela.

As feições das personagens também são algo a ser analisado. No primeiro quadro, há a expressão de surpresa de Diana, pois não esperava que fosse ser lançada por alguém, essa imagem também faz o leitor se surpreender, já que também não era esperado que isso fosse acontecer. Após isso a personagem apresenta uma feição de culpa e tristeza, porque ao ser obrigada a dizer quem realmente era, precisa assumir que falhou ao proteger os humanos.

Último ponto a ser pontuado desta passagem, é o uso das cores, principalmente do segundo quadro. Nele vemos que há duas cores sendo fundidas, o preto e o azul. Cores escuras são comumente associadas ao mal, enquanto claras ao bem, a partir disso é passível de análise o sentimento gerado pela utilização delas, o de dualidade. Para Jung (1948) existe em nós uma obscuridade que tentamos suprimir devido aos ideais de bondade, moral e comportamento humano. Porém, quando fazemos essa supressão podemos ultrapassar os limites de amor e bondade, assim “acabaremos criando dentro de nós mesmos a parcela exata oposta de ódio e crueldade” (Jung, 1948, p. 22). É exatamente o que acontece com Diana, ao passar séculos silenciando seu lado obscuro, precisou de um momento para que tudo fosse exposto. Nessa cena, observamos por intermédio das cores essa realidade, o bem e o mal sendo confrontados dentro dela ao precisar esclarecer quem era.

Outro momento de prevalência do mais forte sobre o mais fraco, é quando Mulher-Maravilha extrai o crânio e a espinha dorsal de Superman e coloca o laço entre os ossos. Há uma demonstração de superioridade, já que além de ter matado o herói considerado o mais forte, ela utilizará seus restos mortais como uma arma para conquistar seu objetivo. Além disso, é uma manifestação do poder feminino, principalmente ao afirmar que não haverá homens para ajudá-las a vencer, ou seja, é uma luta que apenas mulheres podem ganhar, principalmente por ter sido uma guerra iniciada pelo gênero masculino.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 42)

A construção dessa cena é carregada de elementos obscuros como cores, a onomatopeia usada e expressões faciais de Diana. As cores utilizadas sendo de predominância escuras, trazendo a sensação de uma situação sombria, enquanto a onomatopeia traz a sinestesia ao nos fazer inferir o som de uma pele sendo rasgada, já as feições da personagem tem um simbolismo que remete a tristeza, mesmo sendo um momento de força feminina como referido acima, não é como ela gostaria que estivesse acontecendo, já que a Mulher-Maravilha sempre foi símbolo de amor e esses acontecimentos só se deram devido a atitudes masculinas de opressão.

Outro ponto a ser analisado com base na teoria de Marston, é a motivação da guerra entre os homens e as amazonas. O ser humano tem cada vez mais usufruído e destruído o planeta Terra, causando desastres naturais e acabando com a natureza. Esta realidade é abordada na HQ

em análise e é isso que causa o confronto, pois essa ganância do homem começou afetar diretamente a Ilha Paraíso, fazendo com que o mar se elevasse e começasse a afundar a ilha. Em decorrência disso, a rainha e suas guerreiras decidiram que algo deveria ser feito e enviaram Diana como porta voz da paz pedindo que a sociedade mudasse o comportamento.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 3)

Todavia esta atitude das amazonas não foi bem recebida pelos homens que governam o mundo do patriarcado. Além da escrita nos transmitindo essa recepção negativa dos humanos, conseguimos captar pelo não verbal essa reação. O autor coloca Diana estendendo a mão como uma imagem de tentativa de ajuda e união. Enquanto os homens estão com os braços para trás e peito estufado, deixando explícito que não estão abertos a isso. Tendo como partida estudos sobre linguagem corporal de Todt (1999, p. 33) que afirma que sobre a linguagem corporal ao comunicar com o outro

estabelece-se uma relação: seja uma reação de aceitação (dominação, submissão ou acordo), seja uma reação de rejeição (afastamento, fuga ou agressão), seja uma reação ambivalente feita ao mesmo tempo de um desejo de fuga e de aproximação. O fato de que estas reações sejam mais ou menos inibidas e reprimidas não modifica nelas o conteúdo afetivo e emocional, pelo contrário.

Dessa forma, concebemos a reação de rejeição que os homens tiveram a proposta de Diana e isso gerará um conflito entre seres, pois ao verem suas tomadas de decisão serem questionadas, sentiram seu domínio ser ameaçado por mulheres e isso acarretou uma preocupação da supremacia masculina ser afetada e tomada pelo gênero que consideram o mais fraco. E para que isso não acontecesse, decidem por meio da força destruir a ameaça, ou seja,

destruir as amazonas por meio de uma guerra como vemos na imagem a seguir. Onde há o uso de grandes fatores destrutivos indo em direção das amazonas com raiva.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 4)

Nesta cena também foi construída para criar um sentimento de pânico e medo. O uso da cor vermelha que constantemente está ligada a perigo e alerta, juntamente com as feições de desespero, medo e raiva nos rostos das guerreiras. De maneira adicional, causa a sensação de injustiça, já que o oponente se encaixa como exército moderno com armas de fogo, tanques de batalha e aviões de guerra, enquanto elas fazem uso de armas clássicas, como a espada. Sendo assim, uma batalha injusta quando se trata de armamento, pois possibilita aos soldados do patriarcado exterminarem com facilidade as mulheres com quem lutam.

Ainda sobre a ideia de Marston de dominação, ele estabelece que “o processo de submissão é sempre prazeroso porque envolve o lado mais fraco se submetendo a um lado mais forte, portanto não há conflitos de interesse em uma relação desse tipo” (Langley e Wood, p. 44, 2018), o que nos faz lembrar que o autor é um homem, portanto, colhe frutos de uma sociedade patriarcal e sexista. Porém, apesar de afirmar que a submissão é algo bom, sua personagem constantemente é o oposto desta fala, pois desde a origem das amazonas e da Ilha Paraíso, a história é da luta contra mulheres serem submetidas aos homens. Além disso, a protagonista da história só se coloca em submissão aos deuses e a sua mãe (Langley e Wood, p. 47, 2018), não a um homem.

Na contemporaneidade por muitas vezes, as mulheres escolhem ser submissas por medo ou falta de escolha. Em Terra Morta, Diana percebe a força que tem e isso gera medo em sua treinadora, já para Hipólita isso é uma forma de proteção. Os homens manipulam as mulheres para temerem sua força em nosso dia a dia e o mesmo acontece com a heroína, que passa a usar braceletes da submissão, para que seus poderes não estejam em pleno funcionamento e possam derrotá-la se for preciso.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 2, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 12)

Analisando as imagens, percebemos novamente expressões faciais que remetem ao medo e à culpa, tanto por parte de Núbia quanto de Diana. A primeira demonstra culpa ao impor à jovem em treinamento o uso de um acessório que controlará seus poderes. Já a segunda expressa medo e culpa ao perceber que sua força pode colocar outras pessoas em perigo e, por não conseguir dominá-la completamente, precisa se submeter ao controle de um objeto para evitar causar mais danos.

Segundo o Dicionário Caldas Aulete (1985), submissão é definida como a condição de se submeter a algo ou a alguém, muitas vezes associada à ideia de humilhação. Esse significado é refletido na sociedade desde os primórdios da história, sendo possível observar inúmeras mulheres que, em seus relacionamentos com homens, acabam se submetendo e apagando-se

diante do sexo masculino. No quadrinho, a personagem não se coloca como submissa de um homem, mas de um objeto, por medo de ferir alguém, Diana prefere ser segurada ao invés de livre.

Como mencionado anteriormente, a busca pela dominação é uma característica recorrente no comportamento humano, e, no caso dos homens, essa tentativa geralmente se manifesta através da força física, levando, em casos extremos, a explosões de raiva. Na narrativa da Mulher-Maravilha, essa dinâmica é simbolizada pelos braceletes que ela utiliza: eles servem para conter e controlar seus poderes. No entanto, quando removidos, liberam uma força física avassaladora — uma força tradicionalmente associada ao masculino — capaz de provocar destruição.

Quando levado ao extremo, o domínio se transforma em raiva. Marston fez essa advertência toda vez que mostrou a Mulher-Maravilha sem seus braceletes. Os acessórios, um símbolo cujo objetivo é lembrar seu portador de nunca se submeter aos desejos de um homem, retêm a natureza destrutiva da Mulher-Maravilha. Sem eles, a heroína ganha força física masculina para a destruição (Langley e Wood, p. 44, 2018)

A exemplo disso, na minissérie em estudo *Hipólita* retira os braceletes de Diana para que os poderes dela não estejam sob controle e assim conseguir salvar Themyscira. Em primeiro momento percebemos o medo da heroína a esta decisão da mãe, mas após compreender o risco que corriam, aceita e se vê livre da dominação.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 21)

Todavia, essa tentativa de salvação não se concretiza e, diante da tristeza de ver seu mundo ruir, Diana é tomada pelo sentimento de raiva — sentimento que, como discutido anteriormente, pode surgir da frustração por não conseguir dominar o outro. Na história, ela tenta exercer domínio sobre os homens para salvar sua ilha, mas, ao fracassar, a raiva a

consome. Com seus poderes fora do controle — sem a contenção proporcionada pelos braceletes —, Diana acaba provocando a destruição do planeta.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 25)

O verbal e não verbal da cena permite inferirmos a raiva que Mulher-Maravilha sente. As onomatopeias usadas indicando ali uma mudança do corpo dela ao ter seus poderes sendo extraídos de forma total, como também o grito e as expressões faciais extravasando a raiva e a dor da personagem. Além disso, há uma interpretação de traição vinda dela, porque Diana desistiu de estar segura com seu povo para defender o mundo e eles a retribuem com a tentativa de aniquilação de Themyscira. Sobre isso Langley (2018, p. 42) analisa que

Embora faça escolhas heroicas, o Super-Homem não escolhe abandonar o mundo em que vive, tampouco o Batman opta por deixar os pais para trás. A Mulher-Maravilha, ao contrário, se voluntaria a desistir de tudo que tem para poder ajudar (e conhecer) o mundo.

Ou seja, Clark não hesitou em salvar sua família, mesmo que isso significasse abandonar uma ilha repleta de mulheres em perigo — o que confere ao herói um traço de egoísmo. Esse traço, no entanto, não o torna necessariamente mau, mas sim mais humano. Em contraste, a própria Mulher-Maravilha havia renunciado à sua família em favor da humanidade, abrindo mão de seus sentimentos mais íntimos para proteger o mundo. Assim, a raiva que Diana sente está profundamente ligada à sensação de traição: para aqueles a quem servira por tantos anos, não havia qualquer problema em sacrificar as amazonas — e a própria Diana —, revelando o quão descartáveis elas eram consideradas, mesmo após uma história de dedicação e servidão.

A partir desse ponto, o lado obscuro de Diana — aquilo que Jung (1948) chama de "sombra" — toma conta de sua natureza heroica, levando à cena de destruição. Os homens, ao

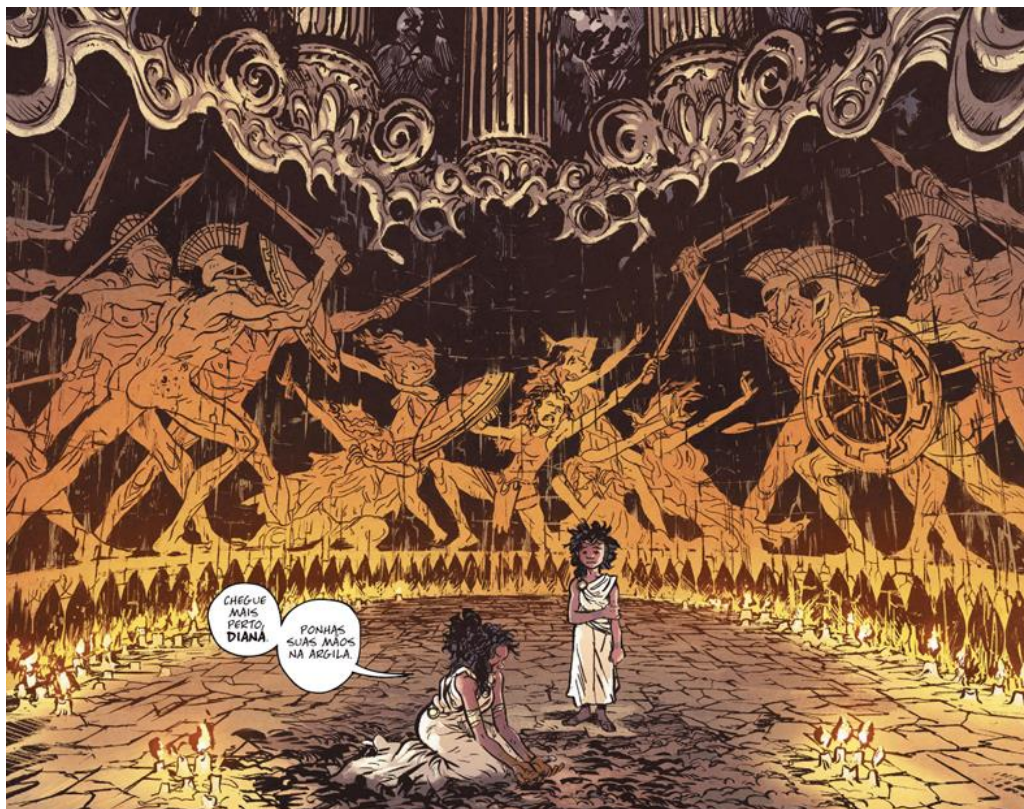
extraírem esse lado sombrio da heroína, acabam por transformá-la na vilã da história, quando, na verdade, suas ações foram uma reação à crueldade e à traição cometidas contra ela e suas semelhantes.

A construção das cenas a seguir, novamente causarão ao leitor um sentimento de desespero e medo devido as cores chamativas que representam o fogo, as expressões das pessoas desenhadas, mas principalmente pela imagem de esqueletos em meio ao fogo, que representará a morte.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 31)

Nas histórias da Mulher-Maravilha de 1941 a origem da Ilha Themyscera é sempre em cima de uma guerra com Hércules e a salvação das amazonas vindas pela deusa Afrodite. Em Terra Morta, podemos observar essa mesma história sendo narrada nos desenhos das paredes do local em que Hipólita e Diana estão.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 33)



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 24)



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 24)

Nestas imagens espera-se que para o espectador fazer a leitura busque em seu conhecimento prévio sobre a Mulher-Maravilha a sua origem, já que a única informação são as imagens. Assim, os autores fomentam que o leitor faça

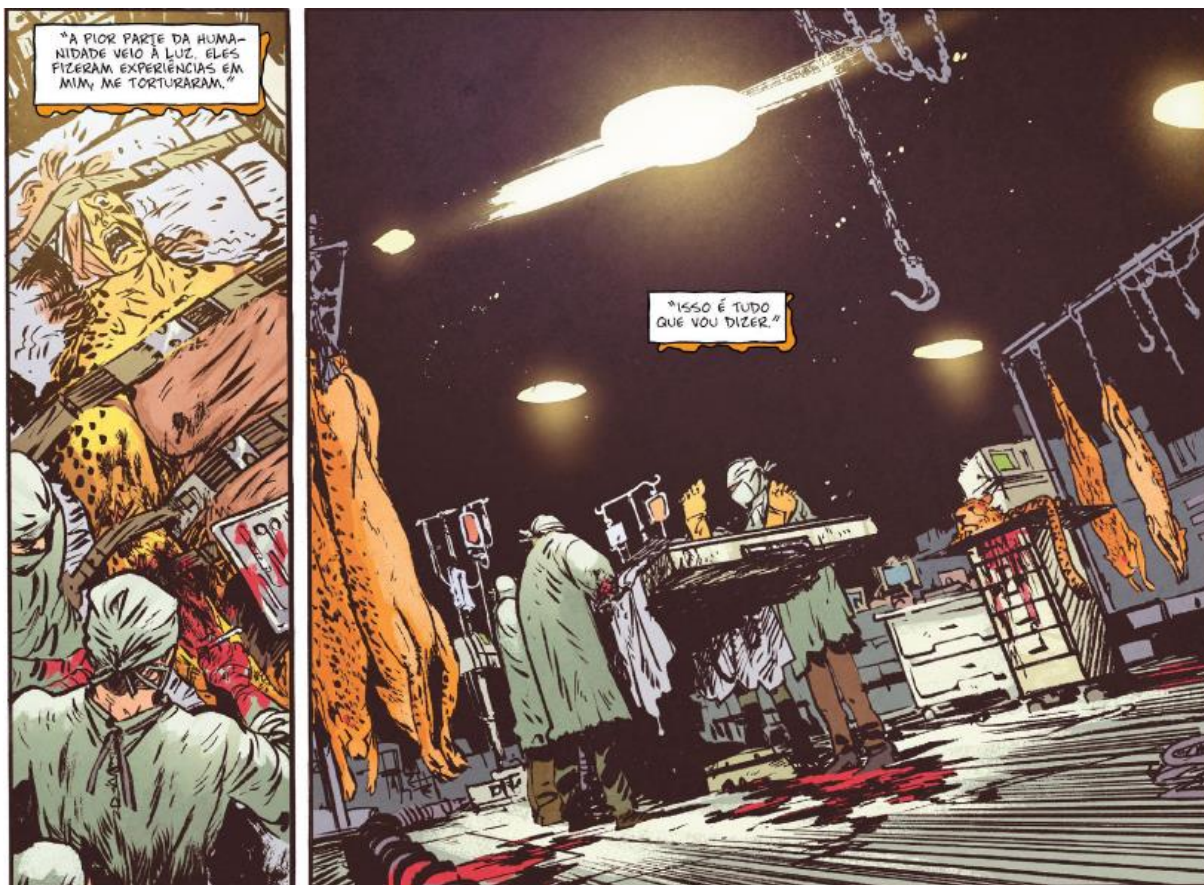
uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos, que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe (Koch, 2000, p. 46).

É possível que analisemos as imagens com o questionamento de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher” (1967, p.9), na obra a autora afirma que ser mulher é uma construção social, já que desde que nascemos somos educadas a servirmos e atendermos as necessidades masculinas. Desde que Mulher-Maravilha foi criada lemos que as amazonas nunca se curvam aos homens e por isso se tornam uma ameaça, gerando uma tentativa de dominação masculina sobre as mulheres que não se encaixam aos padrões de servidão conhecidos.

Além disso, essas imagens nos remetem à violência sofrida pelas amazonas. Na história de sua origem, vemos Hércules e seus guerreiros utilizando a força física para conquistar seus objetivos, enquanto o sofrimento no rosto das mulheres é evidente. Os homens estão fortemente armados com espadas, enquanto as mulheres têm apenas um escudo para se defender. A construção da imagem reforça uma tentativa de dominação pela força e a submissão involuntária das guerreiras. Esse cenário remete diretamente à sociedade patriarcal em que vivemos, onde, por meio de agressões físicas e psicológicas, os homens forçam as mulheres a se submeterem a eles. Nesse contexto, sabemos que a segurança física e mental das mulheres está constantemente ameaçada e que, apenas nos últimos anos, elas começaram a “[...] reivindicar a autonomia de seus corpos, a dignidade sexual e a integridade física ao denunciarem a exploração masculina em forma de abusos e violências diversas” (Fernandes, 2018, p. 12).

Essa reivindicação é o combustível para revolta em Terra Morta, pois após sofrer por décadas de agressão, manipulação, abuso e violência, Hipólita não consegue mais acreditar que há bondade nos seres humanos. Na cena em que é mencionado isso, podemos perceber como a rainha das amazonas se sente perdida, já que a violência sofrida a mudou, nunca mais será como já foi no passado. Esse sentimento de destruição causada pelo abuso é comum nos discursos de vítimas, esse trauma muda o abusado para sempre e a bondade desaparece ao sofrer com algo assim. Como afirma Rodarte (2016, p. 04) “as pessoas que passaram por situações traumáticas transitam pela ruptura do que eram e do que não voltaram a ser”, assim como a rainha das amazonas que tenta se reencontrar por meio da violência e vingança com seu antigo eu, mas

Além disso, sua humilhação é levada a extremos, com o corpo da personagem sendo violentado por meio de experimentos e deformações.

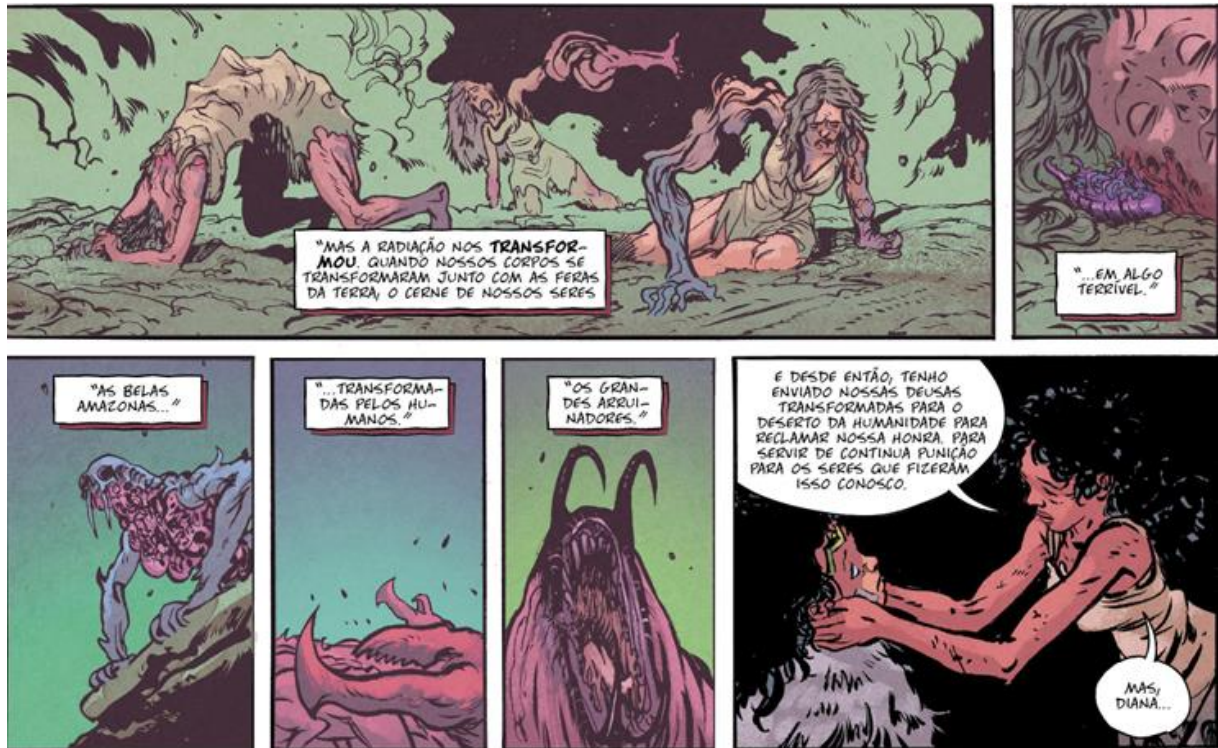


Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 5)

A deformidade causada a Barbara pode ser analisada como uma referência à violência diária que muitas mulheres sofrem e correm o risco de sofrer. Esses abusos sempre estão ligados ao imaginário de que mulheres não merecem o mínimo de dignidade.

Estamos submetidas a ameaças constantes de sofrer a violenta demarcação misógina, clara repulsa às mulheres. Em muitos casos de feminicídios, por exemplo, é comum a polícia encontrar os cadáveres completamente desfigurados, no rosto, nos seios e nas genitálias. E, ao mesmo passo, em muitos contextos, esses mesmos corpos representavam anteriormente uma potência de subjetividade que ousou sair da linha demarcada da sujeição (Fernandes, 2018, p. 18)

Sobre isso, é possível analisar um outro exemplo. Ao reencontrar sua mãe, a protagonista é levada para o passado a fim de ver o que realmente aconteceu e como ela se transformou em um monstro. A mãe de Diana diz que envia as Amazonas para reclamar pela honra que lhes foi tirada, ao serem violentadas o governo patriarcal destruiu seus corpos e mentes, tirando delas tudo o que foram um dia.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 2, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 31)

A radiação causada pelas bombas, fizeram com que lindas mulheres se tornassem monstros deformados. Como na citação, as mulheres sofrem com a falta de humanização quando são assassinadas, os homens acabam com toda dignidade feminina, destruindo tudo aquilo que representa os corpos de mulheres, assim como aconteceu com as amazonas, o homem é o culpado de seus corpos estarem deformados.

Em decorrência de toda essa violência sofrida pelas mulheres da história, é de se aguardar que haveria reação. Esse movimento vindo delas carregará um grande sentimento de ressentimento. Para o dicionário on-line Michaels (2025) a palavra ressentimento significa “1 Ato ou efeito de ressentir(-se); 2 Rancor seguido do desejo de vingança; 3 Lembrança dolorosa de palavra ou ato ofensivo”. Em *Terra-Morta* (2021), as amazonas se apropriam do segundo significado da palavra, já que como observado na imagem acima, Hipólita as envia para punir a humanidade como vingança ao que fizeram a elas.

Este plano de vingança fica explícito quando a rainha ordena que “apaguem a marca da humanidade desse mundo morto”, ela fomenta as guerreiras a matar todos os humanos que ainda restam no planeta. O sentimento de raiva vivenciado pela amazona não é o mesmo causado pela não dominação, ele se dá pelo ressentimento guardado por anos de abusos e violências vindas de homens e ela reverte tudo o que sente à humanidade no geral, já que ninguém as ajudou.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 3, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 9).

Devemos também atentar para o comportamento masculino de objetificação da mulher. Após Dee e seus colegas entregarem Diana a Theyden, ele a vê como uma nova esposa, tratando-a como um prêmio, sem sequer se importar com seu nome. Quando Tal tenta intervir para contar a identidade de Diana, o capitão do acampamento reage com agressão, chamando o garoto de intrometido e impedindo-o de falar.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 22).

Ao fundo percebemos que há outras mulheres em um local elevado, fazendo-nos entender que são as “outras” esposas. Algumas usam apenas sutiã e calcinha e a forma como estão colocadas é como se estivessem em exposição. Isso nos remete ao mundo real, onde mulheres não são consideradas sujeitos e sim objetos a partir da apropriação dada pelo homem em cima do gênero feminino (Santos, 2021, p. 15). Theyden quer se apropriar de Diana, dessa forma objetificando-a, não se interessa em saber quem ela é, apenas que é bonita e seria um ótimo prêmio por todo seu “esforço”.



Mulher-Maravilha - Terra Morta, Livro 1, Daniel Warren Johnson e Mike Spicer (2021, p. 23).

Ao se rebelar contra essa tentativa dizendo “eu não serei esposa de homem!” (Johnson e Spicer, 2021, p.23), Diana é agredida fisicamente por um guarda do capitão que diz a ela que deveria estar agradecida pela “gentileza” dele. Os homens têm o discurso manipulador e egocêntrico de que mulheres deveriam ser gratas por serem “vistas” por eles e por isso aceitam ser dominadas, aceitam todas as formas de agressões. Já que se colocam como superiores, consideram um favor que fazem ao decidirem quem será sua posse.

A partir destas imagens vamos analisar o conceito de sarjeta de McCloud (2004) que afirma que os espaços em branco entre um quadrinho e outro é um limbo aberto de conclusões, transformando imagens distintas em informações (McCloud, 2004, p.66). Desse modo, cabe ao leitor entender que entre uma cena e a outra acontece algo. Na imagem acima, entre o quadro que Diana é agredida e o seguinte, o espectador entende que houve um movimento em que após o soco, os guardas pegaram-na para segurá-la em pé de frente a Theyden.

Nada é visto entre os dois quadros, mas a experiência indica que deve ter alguma coisa lá! Os quadros das histórias fragmentam o tempo e o espaço, oferecendo um ritmo recortado de momentos dissociados. Mas a conclusão nos permite conectar esses

momentos e concluir mentalmente uma realidade contínua e unificada (McCloud, 2004, p. 73)

Em *Terra Morta* a maioria dos quadros são caracterizados como ação-pra-ação (McCloud, 2004, p. 70) que significa que cada um representa uma ação e é por meio das sarjetas que compreendemos que algo aconteceu entre as cenas, exigindo menos desenhos para representar o acontecimento. Isso faz com que o leitor trabalhe seu consciente para interpretar essas situações e visualizar ações que não foram desenhadas, mas que aconteceram no limbo das sarjetas.

Esse tipo de construção da história nos permite concluir situações a partir de nosso momento social, cultural e intelectual, assim o autor nos dá a liberdade de interpretação baseado em seu trabalho de que as mulheres apresentadas sofreram séculos de opressão e violência, por isso sua reação raivosa é justificada como um ressentimento nutrido por todo esse tempo. Sentimento esse que observamos diariamente na sociedade em que vivemos, quando mulheres são colocadas como monstros por reagirem aos padrões machistas e misóginos impostos pelos homens. A obra representa essa realidade em uma narrativa ficcional e distópica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa é analisar e provar que Diana e as amazonas reagiram aos atos violentos vindo de homens durante muito tempo. Com os resultados trazidos, percebemos que toda a construção de uma história em quadrinhos é pensada nos detalhes mais pequenos para que se passe uma mensagem. Na minissérie *Mulher-Maravilha – Terra Morta* analisamos por meio de teorias sobre o verbal e não verbal um texto que comprova, em vários momentos da história, a opressão vivenciada pelas mulheres vindas de homens. Além de ser perceptível os resultados dessa violência na vida delas. Ademais, embasados de teorias feministas, podemos comprovar que é uma situação que acontece em nossa sociedade dia após dia.

Como também, é possível analisarmos, além da opressão, as atitudes das personagens femininas ao se depararem com ela. A exemplo disso, vemos Bárbara se submetendo às ordens masculinas em uma tentativa de sobreviver, ela se coloca em situação de submissa ao homem que detém poder sobre a personagem, fazendo o que ele quer, ou seja, ser uma atração violenta à sua sociedade apocalíptica. Uma situação que é reflexo de muitas mulheres em nossa sociedade patriarcal, que acabam obedecendo ordens dos maridos, pais e irmãos, se colocando em situações não favoráveis à elas, por não terem outra saída na vida e assim vivendo diariamente com atitudes violentas, seja física, verbal ou psicológica.

Porém, para toda submissão feminina, é possível se apoiar em outras mulheres, um exemplo trazido no texto é o momento em que Diana decide ajudar sua arqui-inimiga a sair da situação de perigo que se encontra. Por meio da linguagem verbal e não verbal, vemos a heroína proteger Barbara de homens armados a segundos de machucá-la, com a imagem da Mulher-Maravilha se colocando entre eles e dizendo para não ferirem a outra mulher. Assim, observamos um momento de sororidade que também é recorrente em nossa sociedade ao nos depararmos com mulheres em situações de sofrimento. Para estas situações denominamos como sororidade, que significa mulheres apoiarem e ajudarem outras mulheres. Hooks (2019) afirma que é com esse sentimento de empatia feminina que mulheres conseguem se libertar de relacionamentos abusivos e situações misóginas, a obra *Terra Morta* (2017) nos apresenta essa situação nestes momentos em que Diana ajuda Barbara e vice-versa. Entendemos que o gênero feminino majoritariamente tende a se unir para conseguir se fazer ouvidas e ficarem seguras. A personagem Mulher-Leopardo só fica segura ao se unir com Mulher-Maravilha.

Desse modo, ao fazermos a análise dos discursos verbais e os desenhos presentes no texto, é possível colocar a obra como uma representação da sociedade, patriarcal, em que

vivemos. Além de podermos justificar as atitudes femininas apresentadas na minissérie como um movimento de luta para reverter as violências vividas pelas mulheres. Assim, chegamos a conclusão de que histórias em quadrinhos são repletas de intencionalidade ao criar diálogos, imagens e cores da forma em que colocam, com a ideia de representar o contexto social da vida humana.

REFERÊNCIAS

- Adoro Cinema. 1984. Adoro Cinema, 2022. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-1791/> Acesso em: 10 de agosto de 2024.
- Adoro Cinema. The Handmaid's Tale. Adoro Cinema, 2017. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-20677/> Acesso em: 10 de agosto de 2024.
- ASHFORD, Theresa K; CURTIS, Neal. "Wonder Woman: an assemblage of complete virtue packed in a tight swimsuit. Law, Technology and Humans - LawTechHum, 2(2), 25, 2020. Disponível: <http://classic.austlii.edu.au/au/journals/LawTechHum/2020/25.html>. Acesso em 10 de janeiro de 2025.
- ATWOOD, Margaret. O Conto da Aia. 1º edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 4ª ed. (Aumentada e ampliada por Amílcar Garcia). Rio de Janeiro: Delta, 1985.
- BAHIA, Luísa Arantes. Metrópolis e Jogos Vorazes: duas distopias que fizeram história na literatura. *Revista Cajueiro: Ciência Da Informação E Cultura Da Leitura*, 4(1), 41–58. Recuperado de <https://ufs.emnuvens.com.br/Cajueiro/article/view/19021> Acesso em: 18 de agosto de 2024.
- BARBA, Pan Montserrat. **O que é feminismo?** p. 1 - 2. Disponível em: <https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/10/O-que-%C3%A9-feminismo_Montserrat-Barba-Pan.pdf> Acesso em: 24 set. 2022.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1990.
- BADGEVE, Darwiz. Kairu-Edé: Guerreiro Fantasma. Fliptru, 2022. Disponível em: https://fliptru.com.br/comic/kairu-edé#google_vignette Acesso em: 06 de janeiro de 2024.
- BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- CAIXETA, Sharmaine Pereira. Anos dourados: a Mulher-Maravilha e o papel da mulher norte-americana durante a 2ª Guerra Mundial. *Revista Temática, Paraíba: UFPB*, v. 8, n. 4, p. 1-12, abr. 2012.
- CELANI, M. A. A. A relevância da Linguística Aplicada na formação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M. P. M. **Aspectos da Linguística Aplicada.** Florianópolis: Insular, 2000.
- DE MORAIS, Guilherme Augusto Louzada Ferreira. Inversão de arquétipos em Jogos vorazes: a posição de herói assumida pela personagem feminina Katniss Everdeen. *Anais III Congresso Nacional e II Congresso Internacional de Literatura e Gênero.* 2017.
- CLARK, Alan; CLARK, Laurel. Comics: uma história ilustrada da B.D. Lisboa: Editora Distri Cultural, 1991.
- DISMORE, David M. Today in Feminist History: Birth Control Advocate Ethel Byrne is Forced (January 27, 1917). *Ms. Magazine*, 2021. Disponível em: <https://msmagazine.com/2021/01/27/today-in-feminist-history-january-27-1917/> Acesso em: 22 de julho de 2024.
- ECCLES, Sarah. Birth Control as Health Care: The Legacy of the International Workers Order #SouthOfUnionSquare. *Village Preservation*, 2022. Disponível em:

<https://www.villagepreservation.org/2022/07/05/birth-control-as-health-care-the-legacy-of-the-international-workers-order-southofunionsquare/> Acesso em: 22 de julho de 2024.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. Tradução de Luís Carlos Borges. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FERNANDES, Maíra Cristina Corrêa. Sobreviver mulher: sujeitas às violências de gênero, sujeitas insurgentes do feminismo. 2018. 174 páginas. Filosofia do Poder e Pensamento Radical. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

GOMES, Nataniel dos Santos. Quadrinhos: uma aproximação apreciativa. **Anais dos Seminários Internacionais de Estudos de Linguagens e das Semanas de Letras - FAALC/UFMS**, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, n. 3, p. 31-37, 2021. Disponível em: <f <https://periodicos.ufms.br/index.php/SIEL> > Acesso em: 24 set. 2022.

GREIMAS, A. G. Práticas e Linguagens Gestuais. In: GREIMAS, A. G. et al. Práticas e Linguagens Gestuais. Lisboa: Editorial Veja, 1979.

HAUCH, Eduarda. Mulher Maravilha: Uma Jornada Por Suas Representações. 2017. 96 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis.

HANLEY, Tim. Wonder Woman Unbound: The Curious History of the World's Most Famous Heroine. Chicago Review Press, 2014.

HENDRIX, Grady. "Out or Justice". The New York Sun. Edição 11 dez. 2007. Disponível em: <http://www.nysun.com/arts/out-for-justice/67866/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201–215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 18 ago. 2024.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

HOOKS, BELL. A Teoria feminista. 1º edição. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JOHNSON, Daniel Warren; SPICER, Mike. **Mulher-Maravilha** – Terra Morta. Barueri, São Paulo: Panini Comics, 2021.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e linguagem. São Paulo. Cortez. 2000.

LANGLEY, Travis; WOOD, Mara. A psicologia da Mulher-Maravilha: descubra as virtudes da maior super-heroína que conhecemos – e por que ela deve ser a grande inspiração para toda a humanidade; Tradução de Amanda Moura. São Paulo: Única, 2018

LOPES, Luiz Paulo da Moita; FABRICIO, Branca Falabella. **Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada**. São Paulo, p. 1-13, 2019, ed 4. São Paulo: Calidoscópico. Medium. 1984 — George Orwell: Resenhas para mim. Medium, 2019. Disponível em: <https://medium.com/resenhas-2019-2020/1984-george-orwell-5b29d9aad773> Acesso em 10 de agosto de 2024.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução: Helcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M.Books, 2004.

MCTEIGUE, James. V de Vingança. Warner Bros, 2006. Disponível em: <https://www.warnerbros.com/movies/v-vendetta> Acesso em 10 de agosto de 2024.

MELLO, Denis. Teocrasília. Denis Mello, 2016. Disponível em: <https://www.denismello.com/teocrasiliasobre> Acesso em: 10 de agosto de 2024.

MENEZES, V.; SILVA, M.M.; GOMES, I.F.; Sessenta anos da linguística aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.) **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-50.

MICHAELIS. Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 08 de janeiro de 2025.

MILLER, George. Mad Max. Warner Bros, 1980. Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Mad-Max/0HVJKVLP73S6E7RBAMO9M4ED6S> Acesso em 10 de agosto de 2024.

MILLER, George. Mad Max: Estrada da Fúria. Warner Bros, 2015. Disponível em: https://play.google.com/store/movies/details/Mad_Max_4_Fury_Road?id=cf1rw1zvWNM&hl=pt_PT&pli=1 Acesso em 10 de agosto de 2024.

MOORE, Alan. V de Vingança. 1ª edição. São Paulo: Panini Comics, 2018.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.) **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009

MOYA, Álvaro de. SHAZAM!. São Paulo: Perspectiva, 1977.

NINJA, Mída. Greve de Mulheres Pelo Mundo Que Mudaram o Curso da História. Disponível em : <https://midianinja.org/6-greves-de-mulheres-pelo-mundo-que-mudaram-o-curso-da-historia/> Acesso em 06 de abril de 2025.

ORWELL, Geroge. 1984. 1ª edição. São Paulo: Quadrinhos e Cia, 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim Pinto. **Feminismo, História e Poder**, p.15- 22. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?lang=pt&format=pdf> > Acesso em: 24 set. 2022.

PEREIRA, Giulia. Há 100 anos, sufragistas americanas conquistavam direito ao voto feminino.

PETERS, Matt. Injustice: Deuses Entre Nós. IMDB, 2021. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt5012504/> Acesso em: 10 de agosto de 2024.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. Tradução: Gisele Rosa, São Paulo: Peirópolis, 2018.

NAULT, Renée; ATWOOD, Margaret. O Conto da Aia. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2019.

SANTOS, Lígia Pereira dos. Mulher e violência: histórias do corpo negado. Campina Grande: EDUEP, 2008.

SANTOS, Larissa Dhyovanna Guimarães. **Mulheres E Games: Um Estudo Sobre A Objetificação Das Mulheres Nos Jogos Eletrônicos**. 2021. p. 74. Trabalho de Conclusão de Curso Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, 2021.

SCHRUPP, Antje. **Uma breve história do feminismo no contexto euro-americano**. São Paulo: Blucher, 2019.

Sindicato dos Profissionais da Enfermagem no Estado de Tocantins. Personalidade da Enfermagem #6: Margaret Sanger. SEET, 2018. Disponível em:

<https://www.seet.org.br/noticias/2018/9/24/personalidade-da-enfermagem-6-margaret-sanger/>
Acesso em: 23 de julho de 2024.

SLOSSON, E.E. *Great American Universities*. New York, The MacMillan Co, 1910.

RODARTE, Ana Paula Veloso Silveira Teodoro. TESTEMUNHO, EXPERIÊNCIA E TRAUMA: I As histórias de abusos sexuais narradas na revista Tpm. Anais do IX Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de Minas Gerais, Ouro Preto, 2016. Disponível em: <https://ecomig2016.wordpress.com/page/2/> Acesso em: 14 de setembro de 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro; A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 7-29

VIEIRA, Fátima. The Concept of Utopia. In: CLAYES, Gregory (org.). *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. New York: Cambridge University Press, 2010. p. 28-51.

SARGENT, Lyman Tower. *Utopianism: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2010

TAYLOR, Tom; RAAPACK, Jheremy. *Injustiça - Deuses Entre Nós*. 1ª edição. São Paulo: Panini, 2014.

TODT, Nelson Schneider. Linguagem corporal: o corpo simbólico. *Revista Perfil*, p. 31-35, 1999.

WELLINGTON, Zé. *Cangaço Overdrive*. Zé Wellington, 2018. Disponível em: <https://www.zewellington.com/p/cangaco-overdrive.html> Acesso em: 10 de agosto de 2024.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; KRONBAUER, Luiz Gilberto. As HQ's e a formação da consciência moral das crianças. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO (CINFE), 10, 2010, Caxias do Sul. Artigo. Caxias do Sul, 2010. p. 1-16. Disponível em: Acesso em: 10 janeiro de 2025.

WILLIAMS, Maren. *She Changed Comics: Lou Rogers, Advocate for Women's Rights*. CBLF, 2017. Disponível em: <https://cblf.org/2017/03/she-changed-comics-lou-rogers-advocate-for-womens-rights/> Acesso em: 23 de julho de 2024.